

COM A IMPRESCINDIVEL CO-
LABORAÇÃO DA JUVENTUDE LOU-
LETANA, O CARNAVAL DE LOULÉ
1980, SERÁ MAIS UMA AFIRMA-
ÇÃO DA NOSSA VITALIDADE E ES-
PIRITO FOLGAZAO.

A VOZ DE LOULÉ

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E PROPAGANDA REGIONALISTA

(Preço avulso: 6\$00)	N.º 763	Composição e Impressão «GRÁFICA EDITORA» Av. João Ferreira da Maia, 20 Telef. 92091	DIRECTOR E PROPRIETÁRIO José Maria da Piedade Barros	Redacção e Administração GRÁFICA LOULETANA Telef. 6 25 36
ANO XXVII	31/1/1980	RIO MAIOR		LOULÉ

Com regozijo geral da população

Foi inaugurado em Loulé um Centro de Dia para a Terceira Idade

As promessas vinham de longe e os sonhos eram ainda mais remotos, mas parece que foi necessário operarem-se uma autêntica revolução nas ancaicas estruturas dum Estado todo poderoso, para que as pessoas se apercebessem que tanta coisa estava ainda por fazer em matéria de assistência social a todos os níveis, para melhor se servir a população deste país.

Creches, infantários, pousadas para a juventude e lares para a 3.ª idade, tinham estruturas mais que insuficientes para fazerem face às necessidades sempre crescentes de populações carecidas

do apoio do Estado, naquilo em que ele tem obrigação de servir os cidadãos. E todos nós sabemos como essas carências serviram às mil maravilhas os objetivos de certas forças que se apoderaram dos organismos estatais. Foi um autêntico pandemônio e grande propaganda das carências, mas a finalidade apontavam à sistemática destruição do pouco bom que ficara. Das obras criadas revolucionariamente pouco resta a estar a «boa vontade» dos seus promotores, até porque

(continua na pág. 3)

O CENTENÁRIO DE JOÃO LÚCIO

João Lúcio Pousão Pereira de seu nome completo nasceu em Olhão em 1880 e morreu em 1918, vítima de pneumonia.

Viveu apenas 38 anos e a sua vida foi repartida entre a poesia, o foro e a política.

Foi a poesia que lhe deu mais fama. Publicando Descendo (1901), o Meu Algarve (1905) e Na Alca do Sonho (1913). Postumamente apareceu Espalhando

A AVENIDA JOSÉ DA COSTA, EM LOULÉ FOI CENÁRIO DE UM ASSALTO EM PLENO DIA

(continua na pág. 7)

ALTE progride

O sítio dos Soidos tem, finalmente, a estrada com que há tantos anos muito justamente sonhava! Construída há pouco tempo, foi logo alcatroada servindo uma importante região, pois serve de ligação com a estrada de Alte para as Samadas.

Um parte desta estrada também já se encontra alcatroada até ao sítio da Ataleia.

Os sítios da Torre e Fonte Santa acabam igualmente de ser beneficiados com o alcatroamento da ligação à estrada 395 que vai até Santa Margarida, e do sítio do Azinhal ao lugar de Cortinhola.

NOS DIAS 17-18 E 19 DE FEVEREIRO LOULÉ SERÁ, DE NOVO A CAPITAL DA ALEGRIA — PORQUE OS FOLIÕES ENCONTRARÃO AQUI AMBIENTE PROPÍCIO PARA DAR LARGAS AO SEU REGOZIO CARNAVALES

IV CROSS INTERNACIONAL das Amendoeiras em Flor

Conheceu grande êxito, confirmando-se como a mais importante competição nacional no seu género e ampla repercussão internacional, a disputa do «IV Cross das Amendoeiras em Flor», que se correu nos relvados de Vilamoura.

Mais uma vez o turismo e o desporto de mãos dadas e numa profícua cooperação.

Numa manhã soalheira muitos milhares de pessoas tiveram o ensejo de apreciar, quer directamente como através da transmissão efectuada pela RTP que enviou também reportagem para a Eurovisão (levando assim imagens do Algarve a milhões de telespectadores europeus) uma jornada em cheio do atletismo.

Presentes o Chefe do Gabinete do Secretário de Estado da Juventude e Desportos que re-



presentava aquele membro do Governo, o Director Geral dos Desportos, o Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, responsáveis por autarquias do Algarve e outros elemen-

Por outras palavras

Crónica de
— LUÍS PEREIRA —

Nem mais nem menos. A era dos robôs. A época em que a máquina faz quase tudo. Como desculpar o Homem? Esse que se desumaniza às suas próprias mãos?

Evidentemente que é um erro considerar que um Homem é já um aparelho, mas torna-se necessário orientar o Espírito, como ponto de equilíbrio, contra o

CÂMARA MUNICIPAL

A CASA DOS MIL E UM PROBLEMAS

Cá estamos na fogueira. Naquele espaço central e incómodo, para o qual quase toda a gente não sente o menor anseio de jogar mais uma aça, justificada ou irresponsável, e ver crepitar o fogo municipal, consumindo muito simplesmente todos quantos lá trabalham ou dirigem.

A Câmara Municipal realmente até funciona mal. Porque não dá despacho eficiente a tantas solicitações de um concelho que já não é mais o menino de há vinte anos. Porque os serviços andam todos enrocados com uma aflição fútil de pessoal. Porque existe um estrangulamento de decisões que se engravam na falta dos planos de urbanização, na falta de compreensão de muita gente, até, na necessidade urgente de espaço vital para se trabalhar. Mas sobretudo, a Câmara Municipal e as pessoas que a

Concurso Literário Juvenil da cidade de Faro

Por iniciativa da Casa da Cultura da Juventude de Faro, vai realizar-se um Concurso Literário Juvenil, aberto a todos os jovens portugueses, quer sejam ou não estudantes.

Haverá 2 categorias de concorrentes: jovens até 15 anos e entre os 16 e os 20.

Prevêem-se as seguintes modalidades: Conto, Poesia Livre, Ensaio, versando um tema da livre escolha do concorrente, Poesia Obrigada a Morte, Quadra, Peça de Teatro, Ensaio versando a vida e a obra de Fernão Lopes.

As produções devem apresentar-se

A «FAMÍLIA CARVALHELOS» reuniu-se de novo no Algarve



Revelando uma dinâmica que é característica duma empresa privada e onde, portanto, os gerentes são exactamente as pessoas mais directamente interessadas na estabilidade e prosperidade daquilo com que um dia sonharam, realizaram e mantêm com o carinho e a dedicação daquilo que é o fruto do seu trabalho, da sua dedicação e da sua indomável vontade de vencer, eis que de novo a Empresa das Águas de

Carvalho são notícia. E são notícia porque se juntam pessoas com interesses interligados, com amizades cimentadas por constantes convívios, por frequentes reuniões onde se discutem problemas que é preciso levantar, que é útil debater, que convém esclarecer ou de ideias que é preciso pôr em prática quando estão em causa não apenas os interesses duma empresa mas os da

Enquanto se ornamentam carros alegóricos e se trata dos trajes dos figurantes, tudo se prepara em Loulé para festejar, alegremente, em beleza, mais um CARNAVAL.



CÂMARA MUNICIPAL

A casa dos mil e um problemas

(continuação da pág. 1)
compõem, são um bode de expiação muito fácil para todos os problemas que atormentam todo o concelho de Loulé.

Terra de particularidades, das quais, uma das principais, é a de constituir o reino do diz-se, do pensa-se, do faz-se. Terra com especial propensão para a proliferação do boato, aqui se encontra a zona infecciosa ideal para a reprodução de certos micróbios do falabatarismo nacional. Tão fácil é dizer e desfazer de uma pessoa, que depressa se constata para a maioria dos mortais, o desnecessário sacrifício de tentar fazer algo pela comunidade, face à comodidade que consiste no facto de se estar sempre do lado da banicada donde se aponta, donde se critica, donde se goza o esforço dos outros. É por isso, que a grande maioria dos homens de boa vontade, que até os há, se quedam pelo osmi-nho. Porque lhes falta aquela motivação interior, eu iria quase a dizer, aquela coragem, de fechar os ouvidos à canzoada que vai ladando, e forçar a passagem do mundo de progresso e justiça social.

Nem toda a gente possui um autómago para tantas coisas, uma delas é, precisamente, a administração pública, o destaque eleitoral, uma posição no palco das atenções gerais. Porque, para se chegar aqui, e sobretudo para aguentar as investidas de milhentos problemas naturais ou forçados, é necessária uma força que transcende a do próprio homem como ser individual, para assentar numa massa de apoiantes que em cada momento de desânimo saibam ser isso mesmo, e saibam estar presentes nas horas difíceis. Amigos da onça, desses, só terrei a dizer que nunca pensei encontrar tantos. Em curto espaço de alguns meses, fácil me foi aperceber de como é complicado e ingrato o mundo. Talvez cruel em demasia para idades tão tenras, que assim tão precocemente amadurecem. Amigos da onça, dizia eu, encontrei-os às dúzias. Desde aqueles que ombrearam comigo por todas as escolas por onde passei, até aos meus compinchei-

ros na viagem da vida, por diferentes estádios de evolução humana. Amigos da onça encontrei-os até em quantos nunca se me mostraram afáveis e conhecidos, e de um momento para o outro me apareceram a dar palmadinhas nas costas, no mesmo sítio onde ainda ontem cravavam um punhal. Para todos esses, eu apenas lhes direi que nunca me senti tão só, como em certos momentos da minha vida actual, em que o mundo parece ir desabar sobre mim, mas simultaneamente tão cheio de gente que sei que, nos momentos exactos, nas conversas oportunas e de ocasião, saberão estar ao meu lado, e saberão acreditar em mim. É porque, meus amigos, contactei e conheci milhares de pessoas, nos últimos tempos. Sei o quanto de esperança me lançaram nos seus olhos, de população necessitada, e o quanto esperam de um novo raio de luz que lhes apareceu de novidade, falando-lhes e tocando-lhes naquilo que têm de mais seu. Mas, para vós, também vos quero advertir de que, as invejas e as más intenções, já começaram o seu trabalho de sapa, procurando destruir essa imagem de novidade, não hesitando em lançar mão de todos os recursos para queimar até o lenho mais verde. É porque me recusarei a ser carvão e cinza, enquanto a coragem me não faltar, que vos digo que continuarei a estar convosco. A dar tudo quanto tiver cá dentro, para que o esquecimento não seja mais a definição para tantos problemas que vos afligem, desde a serra de Sakir, Alte e Ameixial, até ao litoral de Quarteira ou Almansil.

Simplemente, Jesus não desceu ao mundo, e sem tempo não se fazem milagres. É absolutamente indescritível, a avalanche de solicitações que caíram sobre uma Câmara Municipal velha e ultrapassada, que necessita de urgente reestruturação, conforme proposta que fiz e está a seguir os seus trâmites. Nem vamos ter a pretensão de, em meia dúzia de dias, resolver aquilo que vem vindo por acumulação ao longo dos anos.

Mesmo para aqueles que, em

princípio se julgam mais prejudicados, há algo a pedir no essencial: deixem-nos pelo menos respirar.

E, com a colaboração de todos e a compreensão indispensável, não nos faltará determinação. Mas, o vosso papel é importantíssimo: nos vossos sítios, nas vossas casas, e localidades, há que conter a chama iníqua e traçoira com que certas pessoas mal formadas e mal intencionadas pretendem queimar e fazer fogo, seja à custa de quem for.

É porque sei que os verdadeiros amigos, amigos velhos, de há dias, ou de umas horas apenas, saberão estar à altura desta palavra que vos dirijo, que tenho a esperança de que a Câmara Municipal, deixe um dia, de ser a casa dos mil e um problemas, para passar apenas a ser a Câmara eficiente que todos queremos.

JOSÉ MANUEL MENDES

CONCURSO LITERÁRIO JUVENIL DA CIDADE DE FARO

(continuação da pág. 1)
tar-se o mais legivelmente possível.

A Quadra poderá apresentar-se isolada, ou integrada num conjunto.

O mote para a modalidade àquele obrigada, é a Quintilha de Luís de Camões:

Os bons vi sempre passar
No mundo graves tormentos;
E para mais me espantar
Os maus vi sempre nadar
Em mar de contentamentos.

As normas a que terão de obedecer os concorrentes são as habituais nestes concursos literários.

O prazo de entrega termina no dia 30 de Abril de 1980.

As produções literárias con-

O CENTENÁRIO DE JOÃO LÚCIO

(continuação da pág. 1)
Fantasmas. Estas quatro recortas de valor muito desigual, reflectem, até mesmo através dos títulos, as diferentes solicitações da sua poesia.

Pertence à corrente do Simbolismo que, pelo seu exuberante gosto de cor e de mitologia popular, foi um António Nobre algarvio.

Este ano comemora-se o Centenário do Poeta João Lúcio, na vila de Olhão, graças à iniciativa de uma Comissão formada para o efeito e que se propõe dar o maior brilho.

Segundo o programa já distribuído com início em 18 de Janeiro do corrente ano, com um Colóquio de Abertura, a 4 de Março inauguração de Exposição sobre a vida e a obra do Poeta; Março/Abril várias provas desportivas; a 4 de Abril Jogos Florais de âmbito Nacional e Concurso inter-escolas «João Lúcio visto pelas crianças»; Maio/Junho provas desportivas; 29 de Julho Piquenique nos Pinheiros de Marim junto ao chalé do Poeta

ALTE PROGRIDE

(continuação da pág. 1)

desta freguesia, está feito oalcatroamento da estrada.

Com geral regozijo da população foram finalmente concluídos os 1200 metros de estrada que faltava fazer dentro do sítio de Esteval dos Mouros, desde o Largo Amadeu Pedro da Cruz até à última casa de habitação, pois este lugar está muito disperso e do primeiro ao último Monte é relativamente grande a distância.

A conclusão dos trabalhos de ligação aos postos é, presentemente, a maior aspiração dos habitantes de Santa Margarida que também consideram que a electricidade é importantíssimo factor de progresso e bem estar social.

Oxalá a Federação de Municípios conclua rapidamente todas as ligações.

Continuam com bastante actividade os trabalhos da 1.ª fase de abastecimento de água a Alte.

O Grupo Desportivo de Alte está participando no Torneio de Futebol organizado pelo Clube 44 de Loulé, tendo já feito alguns jogos.

— Atraídos pelas característi-

cas que são muito típicas desta Aldeia (e cujas potencialidades turísticas não têm sido devidamente aproveitadas), Alte está sendo diariamente visitada por numerosos turistas estrangeiros, especialmente suecos, franceses e alemães, que não escondem a sua satisfação por lhes ser proporcionada a oportunidade de conhecerem o meio ambiente da nossa terra e como aqui se vive e trabalha.

Oxalá os novos e dinâmicos responsáveis pela Câmara de Loulé e Comissão de Turismo se decidam, finalmente, a dinamizar iniciativas tendentes a valorizar Alte e a torná-la um polo de atracção turística como muito justamente merece.

A exploração das grutas existentes, a prática da caça, a possibilidade de se fomentar a pesca na ribeira, a criação de um Parque de Campismo e de um Mercado de Artesanato Regional, além de muitas outras iniciativas para as quais Alte tem ambiente propício, bem poderiam transformar esta Aldeia na «menina bonita» dos turistas que se deslocam ao Algarve e que só ficam conhecendo a beleza das nossas praias e a amenidade do nosso excepcional clima.

Isso é pouco porque o Algarve pode proporcionar-lhes novos e belos atractivos também numa serra que está ainda por desbravar nas suas enormes potencialidades turísticas.

Façamos alguma coisa por Alte. A nossa típica aldeia bem o merece. Os seus habitantes esperem e confiam nos novos governantes.

POR OUTRAS PALAVRAS

(continuação da pág. 1)

dragão das máquinas e das invenções técnicas. Isto é verdade! Por outras palavras, o Espírito Humano deve colocar no ar a sua intemogação, reforçar-se contra a preponderância dos conquistadores, não ser o enfermo às mãos do diálogo estranho das suas próprias descobertas.

Um paradoxo? O que é o mundo senão uma dúvida.

Por outras palavras, não será o Homem a sua própria autodes-truição? Quer dizer, não será a Evolução o Retrocesso? E talvez sim. E talvez não. E não só isto. A gramática das máquinas é uma dúvida que permanece, mas não querera o Homem resguardar o seu Espírito, descansar o corpo e viver longe da desordem? Há ainda muito mais: o futuro é completamente imprevisível, os robots já têm a sua própria língua devemos rever a importância do Humanismo para não destruímos cedo o sistema nervoso.

Por esta via em que circulamos a dúvida é ainda a nossa confiança. Por outras palavras, a vida é uma rua de sentido único?

LUIS PEREIRA

PRECISA-SE

De empregada doméstica. Casa de 2 pessoas.

Nesta redacção se informa. (4-2)

VENDE-SE

Camião Toyota «Dyna» de 3 500 Kg., com 12 400 Km.

Trata Crescenciano Mendes — Rua Pedro Nunes, 82 — LOULÉ.

(3-3)

VENDE-SE

1 000 Kg. de varão de ferro eliaço de 6, 8, 10 e 12 m/m e 1 500 tijolos.

Cerâmica Faisca. Informa Luauto Acessórios — Av. José da Costa Mealha, 37 — LOULÉ (frente ao Cinema). (2-2)

VENDE-SE — TERRENO

Terreno bem situado, para construção (na Ladeira do Rato — Loulé).

Nesta redacção se informa. (2-2)

IV CROSS INTERNACIONAL DAS AMENDOEIRAS EM FLOR

(continuação da pág. 1)
imagem viva e colorida com a presença de um trabalho que se está consolidando e é da maior valia.

A primeira competição do 4.º Cross Internacional das Amendoeiras em Flor foi a prova para atletas femininos em que participaram 50 concorrentes de Portugal, Alemanha, Escócia, Inglaterra, Espanha, Irlanda, País de Gales, Bélgica, Suíça e uma selecção de Huelva. A classificação foi a seguinte: 1.ª — Wendy Smith (Inglaterra); 2.ª — Deire Nagle (Irlanda); 3.ª — Penny Yule (Inglaterra); 4.ª — Aurora Cunha (F. C. Porto); 5.ª — Charlotte Tesk (Alemanha); 6.ª — Fiona McQueen (Escócia); 7.ª — Hilary Hollich (País Gales); 8.ª — Monsseerat Abella (Espanha); 9.ª — Regina Gonçalves (Beira Mar); 10.ª — Venni Foster (Suíça).

Seguiu-se a competição masculina que registou a participação de mais de uma centena de atletas de Portugal, França, Estados Unidos da América, Dinamarca, Alemanha, Irlanda, País de Gales, Escócia, Inglaterra Bélgica, Suíça, Suécia, Espanha e Canadá.

A competição teve a seguinte classificação final: 1.º — Fernando Mamede (Sporting); 2.º — José Sena (Porto); 3.º — António Prieto (Espanha); 4.º — Christoph Herle (Alemanha); 5.º — Frank Zimmerman (Alemanha); 6.º —

Nat Muir (Escócia); 7.º — Jim Brown (Escócia); 8.º — Aniceto Simões (Sporting); 9.º — Anacleto Pinto (Benfica); 10.º — Helder de Jesus (Sporting).

Durante a competição fez-se ouvir a Fanfara dos Bombeiros Voluntários de Faro. Depois decorreu na Aldeia das Agóteias, onde os atletas estiveram instalados, um almoço de confraternização, no decurso do qual foram distribuídos os troféus em disputa. Usou da palavra o dr. Ismael Ribeiro da Cunha (Presidente da Comissão Regional de Turismo do Algarve, que teve palavras de agradecimento e apreço para quantos tornaram possível a competição.

Danças e cantares do Algarve foram interpretadas, com grande agrado, pelo Rancho Folclórico de Moncarapacho.

TOMA-SE À EXPLORAÇÃO

Restaurante, Bar ou Café na área de Loulé-Quarteira-Albufeira.

Falar com Correia — Telef. 94647 (ALMANSIL) ou 53465 (ALBUFEIRA).

(3-2)

FOI INAUGURADO EM LOULÉ UM CENTRO DE DIA PARA A TERCEIRA IDADE

(continuação da pág. 1)
também havia pessoas de boa vontade e alheias ao «esquemão» que se pretendeu instaurar.

Foi necessário, pois, que se regressasse a uma certa acalmia política para que os poderes públicos tivessem capacidade de dar resposta às grandes carências de que ainda continuamos sofrendo.

Desde há muitos anos que Loulé tem uma creche que, segundo nos consta, serve muito bem, mas parece que já é insuficiente para as necessidades da terra e por isso se pensa criar uma outra na freguesia de S. Sebastião, apesar das boas instalações da actual, presentemente com importantíssimas obras de ampliação e remodelação de serviços. Havia, portanto, necessidade de se criar também um centro de assistência a pessoas da terceira idade, por se considerar que, em todo o concelho, há mais de 11 000 indivíduos com mais de 65 anos.

Em 1977 deram-se os primeiros passos, o que foram muito facilitados pela existência de uma casa disponível e que podia ser adaptada: a antiga residência de D. Ilda Barracha, uma senhora muito conhecida dos louletanos que tenham mais de 40 anos. A senhora está residindo no Lar da Terceira Idade de Silves (que segundo nos dizem é um exemplo vivo do que é possível fazer quando há um forte desejo de servir o próximo).

Assegurada a casa, era preciso dar início ao trabalho: fazer obras no chão, nas paredes, nas portas, na instalação eléctrica, no quintal, adaptações várias. O alvo das primeiras solicitações por parte dos elementos da Santa Casa da Misericórdia foi, naturalmente a Câmara de Loulé, a quem não podemos regatear elogios pela forma pronta e eficaz como o seu Presidente sr. António Maria de Sousa, se prontificou a dar toda a colaboração que estivesse ao seu alcance. E foi muito preciosa, até porque serviu de pretexto para pedir mais e mais ao Estado, aos louletanos, a todas as pessoas que estivessem interessadas em ver surgir uma obra que prestigia uma terra e revela quanto carinho e amor devemos dedicar aqueles que já cansados de uma vida de solidão, precisam do amparo e dedicação dos que podem e devem ajudá-los a caminhar pelos últimos trópicos da vida.

Desde os primeiros passos, até ao alegre dia da inauguração, que foi festejada com música, alegria, beijos e votos de felicidade pela vitória alcançada, quantas canseiras, quantos dissabores, quanta luta, quantas desilusões, quanta persistência, quantas dificuldades foi necessário enfrentar em desânimo, corajosamente, com o pensamento fixo numa obra que se impunha, num serviço que era preciso prestar por caridade para com aqueles que, sós e desamparados no mundo, sem o amparo de um familiar ou um sorriso de um amigo dedicado, vivem à mercê de quem tenha pena deles e lhes mitigue a fome ou os curba contra as intempéries. E isto, meus amigos, contrariando aquilo que alguns mais felizes possam pensar, até em Loulé (onde felizmente não há bairros de lata) ainda há seres humanos que vivem em comum como bichos. Vivem, portanto, miseravelmente... porque dormem com animais debaixo das mesmas mantas e ao lado dos seus excrementos.

É por estas e por outras, que nós temos proclamado bem alto e a bom som, que é preciso, que é urgente, acabar com a miséria neste país. Será muito mais difícil e talvez utópico (por enquanto) pretender acabar com os pobres, mas é possível acabar com a miséria mais degradante e a pelitrice mais nojenta. Se a sociedade comunista tivesse

sido implantada barbaicamente em Portugal (porque só barbaicamente ela tem conseguido vingar) não teria sido possível o apoio maciço de que os Açores têm sido alvo, nem tão pouco se teria sido conseguido recolher em Loulé durante as «Jemeiras» os 40 contos que um grupo de dedicados artistas entregou à D. Catarina Farrajota no dia da inauguração do Centro de Dia para a Terceira Idade. Parece-nos muito importante que as pessoas abram os olhos para compreenderem que não é acabando com os ricos — (como alguns estupidamente se ufanaram de ter conseguido) que se combate a miséria, mas sim distribuindo melhor uma riqueza que a todos proporcione o relativo bem estar de que sejam merecedores.

Pois, meus amigos, é bom que fique claro que um dos objectivos do Centro de Dia agora inaugurado em Loulé (e o de muitos outros que, um pouco por toda a parte estão sendo criados em todo o país) tem como grande e altruístico objectivo não é apenas acabar com a miséria, mas também criar centros de convívio onde as pessoas da terceira idade se reúnem em amena cavaqueira, quaisquer que sejam as suas condições económicas.

E para que isso seja uma animadora realidade, o Estado está construindo casas, montando estruturas, formando técnicos a variadíssimos níveis, que não de desenvolver um grande trabalho de equipa para que os mais desamparados sejam os mais assistidos e os mais isolados se sintam menos sós.

Esse trabalho já vem sendo feito desde há alguns anos e tem consistido num apoio efectivo que chega ao domicílio daqueles cuja idade ou doença os força a estarem retidos na cama. Podemos apontar como exemplo, o caso de uma velhota que, recentemente, esteve 15 dias na cama sem que ninguém lhe chegasse perto a ajudar. Grande foi o esforço desenvolvido por uma dedicada Assistente Social que enfrentou todas as dificuldades que se imaginam e, com a colaboração dos Bombeiros de Loulé, conseguiu dar alguma animação àquela «casa», sob pressão da água das agulhetas utilizadas contra o fogo. Hoje, a velhota continua de cama mas é assistida diariamente pelos serviços do Centro de Dia que lá se deslocam até para lhe levar o lanche. É um trabalho duro, mas que é feito com persistência, com o entusiasmo de quem vive os problemas dum profissão que escolheu e que se destina unicamente a prestar serviços aos mais carecidos, aos que vivem sós e sem amparo de família ou de amigos, após uma vida talvez de trabalho duro e mal remunerado; talvez com estravagâncias estúpidas; talvez com azares, talvez ainda desamparados pela sorte. Mas que são seres humanos, que merecem o nosso respeito, o nosso carinho e a nossa dedicação. Não podem ser tratados como cães raivosos, que seja preciso abater por inúteis à sociedade. Os homens lúcidos e conscientes da sua condição humana, são moralmente responsáveis por essas pessoas.

Mas é bom frisar que estes Centros de Dia se destinam a todas as pessoas que procurem um amigo para conviver, que sintam necessidade de contactar com indivíduos da sua idade para ameno cavaquear, evitando a solidão dum lar onde durante o dia os seus familiares se ausentam para trabalhar.

É, portanto, um Centro de Convívio para todas as pessoas desocupadas e com mais de 60 anos, que procurem um lugar acolhedor para as suas horas de ócio.

O Estado reconhece a todos os cidadãos o direito a uma existência condigna e por isso se

estão criando por todo o País numerosos Centros de Dia. No Algarve, por exemplo já estão a funcionar o de Vila Real de Santo António (que começou com 11 e hoje tem mais de 100 beneficiários no seu Centro de Dia); Lagos, Portimão e Loulé. Silves tem um magnífico Lar para a Terceira Idade.

Só não funcionam já muitos outros porque a carência de casas tem travado todas as boas vontades, todos os desejos de enraioar aqui e ali com a obra que se impõe, com o melhoramento que se deseja.

Temos, por exemplo, Alcoutim, cuja Vila pode ser considerada como «Capital da Terceira Idade» visto que 80% (oitenta por cento, imagine-se!) da população é constituída por pessoas com mais de 65 anos de idade! Impõe-se, por isso que se crie ali um Lar ou um Centro de Dia, mas parece que nem há casas que a tal se possam adaptar (para se poder apanhar já) nem as pessoas se dispõem a «mexer-se» para apressar a solução do problema. É sono doente da velhice adormecida... que espera que os problemas se resolvam por si próprios.

Apesar das dificuldades encontradas para se conseguir uma casa, sabe-se que Tavira vai ter muito brevemente um Lar ou pelo menos um Centro de Dia.

Moncarapacho quer dar um

grande exemplo de solidariedade para com os indivíduos da Terceira Idade, pois colocou à disposição do Estado as instalações da Misericórdia, o que será uma excelente solução para o problema.

Embora contrariando projectos de pessoas com ideias diferentes quanto à utilização do velho Hospital de Faro, tudo leva a crer que sejam estas as instalações ideais para resolver o problema do Lar para a Terceira Idade, na capital do distrito. Aliás já foram dados os primeiros e importantes passos nesse sentido.

Para S. Brás de Alportel e Olhão ainda não está à vista a solução do problema também por carência de casa própria, assim como Aljezur.

Para Albufeira e Lagoa está previsto o seu próximo arranque, pois já estão muitos problemas resolvidos.

Tudo isto nos foi descrito pelo Dr. Jorge Simões, que se deslocou a Loulé para assistir à inauguração do Centro de Dia, na qualidade de Presidente da Comissão Instaladora do Centro de Segurança Social, que já foi criada no distrito de Faro e se propõe aglutinar, num só organismo, todas as estruturas de apoio à maternidade, infância, à juventude e a todos os beneficiários das ex-Caixas de Previdência, em tudo o que não colida com a saúde.

Trata-se de um novo organismo que terá grande impacto na vida social e colectiva do nosso meio ambiente e que foi criado oficialmente em fins de Dezembro e já está a actuar em vários sectores. Vai agir com uma dinâmica própria que não é vulgar em departamentos do Estado, e terá no Dr. Jorge Simões um impulsor particularmente activo para conceber ideias, para estruturar serviços, para impôr condições de trabalho, para simplificar a burocracia, para orientar processos de organização, para, enfim, prestar melhor apoio às populações carecidas duma assistência que há muito merecem.

Da conversa informal dada com o Dr. Simões (que não conhecíamos pessoalmente mas de quem há muito ouvíamos falar) tivemos a surpresa de ficar sabendo que as Caixas de Previdência já não existem (juridicamente) em Portugal. Estava já demasiado descredito o seu sistema de trabalho para que um serviço que se pretende seja eficiente pudesse continuar com esse nome. Pelo que ouvimos, ficámos sabendo que se prepara assim uma autêntica revolução (no bom sentido) da orgânica assistencial, pois pretendem-se, finalmente, aproveitar os ensinamentos colhidos com a experiência dos países que mais se têm distinguido no sector: França e Itália.

(continua na pág. 8)

Obtenha maior rendimento com os novos Tractores Ford com tracção às 4 rodas



FORD. A FORÇA AO SERVIÇO DA LAVOURA

Em condições de trabalho difíceis os tractores Ford de duas rodas motoras têm um excelente poder de tracção graças aos seus potentes motores, robustas transmissões e boa distribuição de peso.

Agora para condições de trabalho particularmente difíceis, a Ford oferece-lhe uma gama de tractores de 67 HP a 127 HP com tracção às quatro rodas.

Veja os tractores Ford com tracção às 4 rodas no concessionário da sua área.

TRACTORES FORD. UMA EQUIPA DE TRABALHADORES INCANSÁVEIS. COM MAIS DE 60 ANOS DE EXPERIÊNCIA.

FOMENTO INDUSTRIAL
E AGRÍCOLA DO ALGARVE, LDA.
Largo de S. Luís - Telef. 23061/4
8000 FARO



Para os que têm ouvidos e não ouvem e para os que têm olhos e não vêem

X

Com mais esta nossa crónica, crónica ou antigo, como cada um dos nossos possíveis leitores, entenda chamar-lhe, termina a transcrição do folheto deixado ao País pelo Dr. Marçal Pacheco.

Todos quantos se deram ao trabalho de nos ler, fazem-nos decerto a justiça de termos respeitado integralmente todo o seu texto, o que seria crime não ter feito, dado o seu manifesto interesse provado ao longo da transcrição feita. Pena é, se de facto o folheto não era devidamente conhecido anteriormente quer pelos sobreviventes do fim do século, quer pelos nascidos depois, tratando-se como se trata de um valioso documento chamemos-lhe assim, tanto no aspecto político, como no social e no moral como no crítico e no humanitário, dado que todos os referidos aspectos nele se reúnem e entrelaçam, mostrando aos mandantes os seus erros e forma de os emendar, isto numa época que terminou praticamente em 1908 quando do regicídio do rei D. Carlos e, de facto, com a saída do País do rei D. Manuel, que sucedera ao pai e o advento da República em 1910.

Lendo-se atentamente todo o folheto verifica-se nele toda a transparência de conceitos e clareza de opiniões, por Marçal Pacheco expandidas, ditadas por quem integralmente, pondo o «Velho Portugal» a falar, apontou, a dedo, os males sofridos pelos homens do seu tempo, sobretudo os mais desprotegidos colocados à margem dos reais interesses do País, que caminhava então, como hoje, pelas ruas da amargura, por mal dos governantes e dos políticos — sempre eles — cuidando mais de si e dos partidos do que efectivamente da Nação.

Enfim, o autor do folheto, foi no seu tempo um homem clarividente, que hoje se daria revo-

lucionário, e o era à sua maneira e basta ler o final da transcrição, que hoje fazemos, em que se dirige seriamente aos governantes, pela última vez, e ao rei, para o atestar.

Marçal Pacheco foi um homem que morreu novo, tendo sido no entanto deputado e Par do Reino e também presidente da Câmara da sua terra, onde decerto terá feito obra meritória. Foi portanto um Louletano que soube honrar a sua terra, mas a quem ela não fez ainda, que sabemos a justiça devida, dado que até o local onde repousa no cemitério da vila de Loulé, há anos que não lhe é colocada uma flor, como recordação dos vivos com quem ele tanto se preocupou.

E agora vamos ao final da transcrição pondo a falar

O VELHO PORTUGAL

É reformado o funcionário civil e militar, jubitam-se os professores das escolas, aposenta-se o juiz dos tribunais, mas nenhuma lei concede tais garantias aos artistas das minhas oficinas, aos operários das minhas fábricas aos trabalhadores das minhas obras! As viúvas e os orfãos dos que morrem nos conflitos dos exércitos que é a guerra desumana, conhece-os o meu governo, e socorre-os o meu cofre. As viúvas e os orfãos dos que morrem na exploração de uma mina, ou na abertura de um túnel, que são a guerra do progresso, quem lhes sabe os nomes, que auxílio me os ampara.

O Semovente irracional que trabalha, termo médio, oito horas por dia, recebe o seu salário no mínimo que dispense na razão e na ferragem, na limpeza e nos arreios. É um salário mais elevado e um trabalho de menos horas do que têm os meus operários nos campos e nas fábricas. E as associações dos companheiros, exercito do quarto estado, que firmam neste confronto o seu di-

reito implacável, surgem de toda a parte, e reclamam sem descanso, ameaçando invadir tudo em arrancos desesperados.

Quais são os vossos actos, onde estão os vossos feitos, a bem dos desvalidos, por amor às classes pobres, por obrigação de justiça, ou por espírito de prudência?

Mas para que dizer mais! Nenhuma providência patriótica, nenhum assunto de largo alcance têm movido o vosso zelo. Reformas que tonificassem os nervos, renovassem o sangue e reanimassem a vida, nunca vós pensastes nelas. Não! Nada de semelhante fareis. Em vez de contar a fundo, atribuindo vastos caminhos de economia e de

fomento, a vossa índole, estreita e partidária, compraz-se apenas em arranhar-me a epiderme, num ou outro ponto, à superfície. As pastas que sobraçais não guardam plano de governo nem projectos de estadistas. São como as fardas que vestis: um arrebique de vaidade. E uma ditadura de vinhos e de azeites, e uma violência de mordada, imposta aos vossos adversários, eis a obra meritória de toda a vossa audácia! E cuidais então que o meu silêncio vale o mesmo que indiferença, e que o meu sossego significa o meu consenso. Que ilusória crença! Não mil vezes não! Nem mereceis o meu apoio, nem vos dispenso o meu aplauso. O motivo do meu silêncio é a ra-

ção do meu sossego procedem de mais alto, derivam doutra origem. Eu vo-lo digo. É porque velho como estou, nesta idade avançada, com oito séculos de existência, tenho o juízo dos velhos e já não caminho ao acaso, suceda o que suceder, de olhos fechados e às cegas. E, principalmente, porque tendo de esmagar-vos num encontro dos meus ombros, receio, por ora, que o impulso vá mais longe... e moleste mais alguém! E vós senhor rei de Portugal, vós que falais, por vezes, nos meus interesses superiores escutai também o que vos digo, porque a mim pertence-me o direito de falar e a vós o direito de me ouvir.

(Continua)

O louletano Cavaco Silva

(Conclusão)

Em Junho de 1974 colaborou no curso de pós-licenciatura de Matemáticas Aplicadas à Investigação Operacional organizado pelo Centro de Cálculo Científico do Instituto Gulbenkian de Ciência, tendo sido encarregado das lições sobre Análise Custo-Benefício.

Em 1975 regeu o curso de pós-licenciatura sobre Política Financeira do «Seminário permanente de Análise Económica» organizado pela Universidade Nova de Lisboa.

Desde Novembro de 1975 que é Professor da Faculdade de Ciências Humanas da Universidade Católica Portuguesa tendo-lhe sido confiadas as regências das seguintes cadeiras: no ano lectivo de 1975/76, Finanças Públicas e Moeda e Crédito; 1976/77, Economia Pública e Política Financeira; 1977/78, Política Financeira e Política Económica; 1978/79, Economia Pública e Política Económica. No ano lectivo de 1977/78

exerceu o cargo de coordenador do curso de Economia daquela Faculdade.

Em 1975 e 1976 regeu os cursos de Teoria Macroeconómica e Política de Estabilização dos Cursos de Pós-Licenciatura organizados pelo Centro de Estudos de Economia Agrária do Instituto Gulbenkian de Ciência.

Por despacho do Ministro da Educação e Investigação Científica, de 7 de Janeiro de 1977 foi nomeado para a Comissão Científica Interuniversitária de Economia. Em 1977 fez parte do Conselho Científico da Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, para que foi nomeado por despacho do Ministro da Educação e Investigação Científica, de 28 de Fevereiro de 1977.

É vogal da Comissão Instaladora da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, cargo para que foi nomeado por despacho do Ministro da Educação e Investigação Científica, de 17 de Novembro de 1977.

4. OUTRAS ACTIVIDADES DE CARÁCTER CIENTÍFICO

Em Junho de 1972 deu um seminário no «Public Sector Study Group» do «Institute of Social and Economic Research» da Universidade de York sobre as «Bases para a Reformulação da Teoria dos Efeitos Macroeconómicos do Financiamento de Despesas Públicas por Recurso à Dívida».

De Dezembro de 1973 a Abril de 1974 foi «visiting scholar» do «Institute of Social and Economic Research» da Universidade de York.

Participou nos Congressos do Instituto Internacional de Finanças Públicas, de que é membro, em 1974, 1975, 1976 e 1978. No Congresso de 1975, realizado em Nice que teve por tema «Public Economics and Human Resources», foi comentador da comunicação «Public Finance and Demographic Manpower Policies». No Congresso de 1976, realizado em Edimburgo, cujo tema foi «Se-

(continua na pág. 5)

FOLHETIM «AS MOURAS ENCANTADAS E OS ENCANTAMENTOS DO ALGARVE», pelo Dr. Ataíde Oliveira

cia do benemérito algarvio, Estácio da Veiga, lhe apareceu subitamente uma formosa moura, vestida de azul, com os seus cabelos soltos em ondedas madeixas. No seu olhar doce e ingénua manifestava uns olhos azuis, que pareciam reflectir o próprio eco.

José Coimbra ficou surpreendido e não pôde articular uma palavra. Ouvira dizer a seus pais que naquele sítio, distante de Estoi uns duzentos metros, aparecia uma moura encantada, e ele nunca dera crédito a tal aparição.

A moura, de uma bondade extrema, e sob a aparência de um anjo, convidou José Coimbra a acompanhá-la.

O almocreve, de boa ou má vontade, aceitou o convite. Então a moura bateu com o seu pequenino pé no solo por três vezes, acompanhando estes movimentos com a leve pancada da vara mágica, e ao mesmo tempo abriu-se uma porta, pela qual ambos entraram, descendo em seguida uma escadaria do mais puro e fino porfido. Em poucos momentos viram-se numa ampla sala de paredes e colunas de ouro maciço.

José Coimbra ficou pasmado de tanta riqueza! E ele então que nunca lera as descrições dos palácios encantados das Mil e Uma Noites.

Em breve, porém, saiu deste pasmo quando acorrentados a cada um dos dois cantos da sala um leão e uma serpente. O seu primeiro movimento foi de profundo susto, mas depois pensou que, sendo tudo o que via verdadeiramente extraordinário, devia manter o seu sossego de espírito. E ficou sossegado.

— Se quiseses trocar essa vida arrastada que levas pela vida da opulência e ser possuidor deste vastíssimo palácio, onde o ouro é ainda assim o que menos valor tem, só de ti depende.

— O que tenho de fazer?, perguntou o almocreve, prelibando os gozos da opulência, não desviando os olhos dos bichos.

Sem responder directamente à pergunta, disse a moura:

— Apenas três condições te imponho: consentires em ser três vezes engolido e três vezes vomitado pelo meu irmão: três vezes serás depois abraçado por minha irmã, ficando o teu corpo ulcerado nos pontos em que ela se enroscar; e depois de tudo isto consentires ainda que eu te oscule a fronte, tirando-te os santos óleos, que recebeste no baptismo.

José Coimbra, fingindo o sossego de espírito que não tinha, limitou-se a perguntar onde estavam o irmão e a irmã da moura.

Esta, apontando para o leão disse: é o meu irmão; e voltando-se para a serpente respondeu: é a minha irmã.

Então o almocreve, sob o pretexto de pensar maduramente nas condições impostas, respondeu que brevemente voltaria ao lugar, onde se tinha encontrado, a dar-lhe a resposta. A moura não só se não mostrou contrariada com a resposta, mas até o convenceu a levar consigo duas barras de ouro.

José Coimbra aceitou a oferta e saiu do palácio acompanhado da formosa moura.

Quando o pobre homem chegou a casa escondeu as duas barras de ouro onde a mulher nunca as pudesse encontrar, e ocultou a toda a gente o que lhe tinha acontecido.

É escusado dizer que o almocreve nunca mais pensou em voltar ao palácio encantado. Muitas noites sonhou que se via engolido e vomitado pelo leão, e outras vezes que se via abraçado pela serpente e beijado pela moura, e então punha-se a gritar, sendo necessário que a mulher o acordasse e o livrasse daquilo a que ele chamava o seu pesadelo.

Passados alguns anos passou José Coimbra a sofrer os efeitos de uma grande crise económica. Os negócios corriam-lhe mal, longas estiagens tinham arruinado os campos, e a fome com todo o seu cortejo de horrores começou a bater rijo às portas do pobre almocreve.

Então lembrou-se que podia vender na feira de Vila Viçosa, no Alentejo, as duas barras de ouro.

Coisa notável! A medida que José Coimbra acariciava a ideia de vender as barras, ia sentindo ofuscar-se-lhe a vista, começando por sentir apenas umas névoas nos olhos, e a breve trecho estava completamente cego.

Desgraça sobre desgraça: pobre cego!

Consultou o infeliz os médicos mais acreditados, que, infelizmente, não descobriam o remédio eficaz para debelar a horrível oftalmia; consultou os barbeiros que tiveram a habilidade de agravar a doença, e, afinal, tendo ouvido dizer que a Faro tinham chegado do estrangeiro dois médicos de fama, resolveu consultá-los.

A mulher do infeliz e alguns vizinhos ajudaram-no a montar numa jumenta, e lá vai o pobre cego, acompanhado de sua mulher, até Faro em procura da vista perdida!

Chegados ao sítio do Milreu, precisou o infeliz de desmon-

SHOU, LDA.

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

1.º CARTÓRIO

Notário: Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de 15 do mês corrente, lavrada de fls. 78, v.º a 81, do livro n.º B-111, de notas para escrituras diversas, do Cartório acima referido, foi constituída entre José Luís Shou e Amadeu Gil da Rocha, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, nos termos constantes dos artigos seguintes:

Primeiro — A sociedade adopta a firma «Shou, Limitada», e vai ter a sua sede principal e estabelecimento no Centro Comercial Aparthotel Quarteirasol, Lotus House, Loja número cinco, em rés-do-chão, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, podendo estabelecer as delegações e sucursais que entender, e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

Segundo — A sociedade tem por objecto a exploração de restaurantes, bares, snack-bars, boites e mini-mercados, podendo explorar qualquer outro ramo de comércio ou indústria em que os sócios acordem e seja permitido por lei.

Terceiro — O capital social, integralmente realizado em dinheiro, já entrado na Caixa Social, é de cem mil escudos, e está dividido em duas quotas: — uma de noventa e cinco mil escudos, pertencente ao sócio José Luís Shou, — e outra de cinco mil escudos, pertencente ao sócio Amadeu Gil da Rocha.

Quarto — Poderão ser feitas prestações suplementares de capital, mediante deliberação da Assembleia Geral, podendo ainda qualquer sócio fazer à Caixa Social os suprimentos de que ela carecer, nas condições a acordar também em Assembleia Geral.

Quinto — 1. — A transmissão de quotas a título gratuito ou oneroso, é livre entre os sócios ou entre estes e a sociedade, no todo ou em parte.

2. — A transmissão de quotas, inter-vivos, a título gratuito ou oneroso, total ou parcial, a estranhos, depende do consentimento prévio da sociedade, à qual em primeiro lugar, e aos sócios em segundo e por ordem decrescente das suas quotas, fica reservado o direito de preferência, nas transmissões por título oneroso.

3. — O sócio que desejar transmitir a estranhos a sua quota, no todo ou em parte, assim o comunicará à sociedade e a cada um dos restantes sócios, por carta registada, com aviso de recepção, indicando a pessoa ou pessoas à qual pretende fazer a transmissão, preço e cláusulas do respectivo contrato.

4. — A declaração de opção ou a autorização para transmitir a quota terá de ser feita por carta registada com aviso de recepção, no prazo de trinta dias, a contar da recepção da carta referida no número 3.

Sexto — 1. — A gerência será exercida apenas pelo sócio José Luís Shou, que desde já fica nomeado gerente, com dispensa de caução e remunerado ou não conforme for deliberado em Assembleia Geral.

Para a gerência pode ser designada qualquer outra pessoa com o acordo da Assembleia Geral.

2. — A sociedade obriga-se com a assinatura do sócio gerente José Luís Shou ou seu procurador, bastando a assinatura de qualquer gerente, no caso de vir a ser nomeado, para actos de mere expediente.

3. — Os gerentes não poderão assinar letras de favor, fianças ou abonações ou por qualquer outra forma obrigar a sociedade em interesses alheios aos negócios sociais.

4. — É vedado aos sócios gerentes exercer qual-

quer actividade igual ou semelhante à da sociedade, sem autorização desta.

Sétimo — As Assembleias Gerais ordinárias reunirão uma vez por ano, dentro do prazo legal, para aprovação do balanço e contas, e deverão ser convocadas por carta registada com aviso de recepção, com pelo menos, quinze dias de antecedência. As extraordinárias reunirão sempre que qualquer dos sócios assim o entenda, devendo ser convocadas pela mesma forma, sempre que a lei não exija outras formalidades.

Oitavo — A sociedade não se dissolve pelo falecimento ou interdição de qualquer dos sócios, continuando com os herdeiros ou representantes do falecido ou interdito. Sendo vários os herdeiros deverão nomear um de entre eles que a todos represente na sociedade. Enquanto o não fizerem será o mais velho que terá legitimidade para tal.

Nono — A sociedade poderá amortizar qualquer quota nos casos seguintes:

1. Insolvência ou falência do sócio titular;

2. Arresto, arrolamento, penhora ou apreensão por qualquer forma da quota em processo judicial, fiscal ou administrativo;

3. Venda ou adjudicação judicial;

4. Cessação da relação de trabalho sempre que o sócio preste serviço na sociedade, salvo se a cessação resultar de motivos de saúde ou outros de força maior;

5. Violação do disposto nos presentes estatutos ou na lei, relativamente à cessação de quotas a terceiros ou por comportamento irregular susceptível de atingir os interesses da sociedade;

6. Por acordo com o seu titular.

Décimo — O valor da amortização será o que resultar do último balanço, aprovado, acrescido do fundo ou fundos de reserva. O valor da amortização, ou o preço a pagar no caso de exercício do direito de opção, quer por parte da sociedade, quer por parte dos sócios, poderá ser pago em quatro prestações trimestrais de igual montante, vencendo-se a primeira no trigésimo dia a contar da data da comunicação da deliberação respectiva. As três últimas prestações vencerão juro à taxa máxima permitida pela lei civil. Considera-se realizada a amortização com o pagamento ou depósito na Caixa Geral de Depósitos da primeira prestação.

Está conforme.

Secretaria Notarial de Loulé, 23 de Janeiro de 1980.

O 2.º Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

AGRADEÇO AO DIVINO

ESPIRITO SANTO

M. G.

COMISSÃO DE EQUIPAMENTOS COLECTIVOS DA SECRETARIA DE ESTADO DA SEGURANÇA SOCIAL

ANÚNCIO

Concurso público para arrematação da empreitada de obras de remodelação e ampliação da Creche e Jardim de Infância da Misericórdia de S. Braz de Alportel

Preço base: — 4 957 000\$00

Caução provisória: — 123 925\$00.

Alvará exigido: — 1.ª Subcategoria da I Categoria e Classe correspondente ao valor da proposta.

Local, dia e hora limite para entrega das propostas: — Na sede da Comissão, Avenida Duque de Ávila, 169-3.º, Dt.º, em Lisboa, em 28 de Fevereiro de 1980, até às 18 horas.

Local, dia e hora do acto público do concurso: — Na sede da Comissão, na morada acima indicada, em 29 de Fevereiro de 1980 às 15 horas.

Local e horário de consulta do processo: — Na sede da Comissão, na morada acima indicada, todos os dias úteis das 14.30 às 19 horas e na Câmara Municipal de S. Braz de Alportel.

Lisboa, 14 de Janeiro de 1980.

Pela Direcção — O Vice-Presidente,
Eng.º Heitor Moraes

O louletano Cavaco Silva

(continuação da pág. 1)
cular Trends of the Public Sector) foi comentador da comunicação «Tax Levels, Structures and Systems: Some Intertemporal and International Comparisons». Foi convidado a participar no Congresso de 1979, que tem por tema «Reforms of the Tax Systems», como comentador das comunicações «Taxation of Small Business (direct and value-added)» e «Payroll Taxes versus Personal Income and Value Added Taxes».

Em Outubro de 1976 participou na I Conferência Internacional sobre Economia Portuguesa, tendo sido comentador da comunicação «Financial Instruments and Markets». Foi convidado a apresentar uma comunicação sobre «Políticas Orçamental e Fiscal» na II Conferência Internacional sobre Economia Portuguesa, a realizar em Setembro de 1979.

Foi um dos fundadores da revista Economia, de que é um dos directores.

5. TRABALHOS PUBLICADOS

5. 1 — No domínio da Economia Pública:

— «A Crise do Petróleo e os Impostos», Tempo Económico, Outubro de 1974.

— «Long-Run Effects of Debt Versus Tax Financing», Public Finance Quarterly, Vol. 3, n.º 4, Outubro de 1975.

— «Políticas Orçamental e Estabilização Económica», Lisboa: Clássica Editora, 1976.

— «Efeitos a Longo Prazo do Empréstimo Público», Economia, Vol. I, n.º 1, Janeiro, 1977.

— «Economic Effects of Public Debt», Londres: Martin Robertson, 1977; Nova York: St. Martin's Press, 1977.

— «Nível e Estrutura da Fiscalidade: Portugal e os outros Países da OCDE», Economia, Vol. II, N.º 1, Janeiro 1978 (em colaboração).

— «Políticos Burocratas e Economistas», Economia, Vol. II, n.º 3, Outubro 1978.

5. 2 — Outros trabalhos:

— «Um Apontamento sobre as Médias Dow-Jones», Boletim de Ciências Económicas, Suplemento do Boletim da Faculdade de Direito de Coimbra, Vol. IX, 1965-66.

— «O Mercado de Capitais (Português no Período 1961-65)», Economia e Finanças, Anais do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, Tomo I, Vol. XXXIV, 1966.

— «Contribution to the Study

of the Influence of each of the 30 Dow-Jones Industrial Stocks on the Average», Arquivo do Instituto Gulbenkian de Ciência, Estudos de Economia e Finanças, Vol. III, N.º 1, 1968.

— O Mercado Financeiro Português em 1966, Lisboa: Instituto Gulbenkian de Ciência, Centro de Economia e Finanças, Coleção Estudos e Seminários 1968.

— «Comentário ao Relatório Financial Instruments and Markets», Conferência Internacional sobre Economia Portuguesa, Fundação Calouste Gulbenkian, Vol. 1, 1977.

— «Notas para uma Actuação no Domínio da Habitação», Economia, Vol. II, N.º 3, Outubro 1978.

No exercício da sua actividade profissional tem ainda realizado vários estudos e pareceres nos domínios da Economia Pública e Política Económica. É também autor de artigos sobre problemas económicos publicados em Jornais.

Como se vê, tudo isto diz muito claramente, e sem sombra de dúvidas, das razões porque Cavaco Silva foi escolhido para Ministro das Finanças.

O mérito de trabalho já realizado e as distinções de que tem sido alvo, revelam-nos a forte personalidade de um homem com invulgar capacidade e dá-nos a certeza de que o país conta com um Ministro à altura das funções que foi chamado a desempenhar, pois ali à sua comprovada competência, naturais dotes de honestidade, discernimento e simplicidade.

Uma síntese da sua personalidade nos revela «O Expresso» com o seguinte comentário a seu respeito:

— Competência técnica reconhecida, quer no plano académico, quer no plano do Departamento de Estudos do Banco de Portugal.

— Dotado de prestígio externo, nomeadamente através das negociações com o FMI e contactos na OCDE e na EFTA.

— Especialista nas questões prioritárias da política monetária de crédito e de reforma fiscal.

— Rigoroso nos diagnósticos e cuidados na escolha das medidas técnicas mais adequadas no domínio financeiro.

— Estudioso de muitos aspectos essenciais da Administração Financeira do Estado, sobre os quais tem propostas pessoais largamente elaboradas.

ALFACOR

FOTO-COLOR «ALFAGHAR»

Laboratório Industrial de Fotografia e Cor

De: — JOÃO CORPAS VIEGAS

Único Laboratório do seu género no Concelho de Loulé

Revela negativos e amplia fotografias a cor

Executa reportagens em qualquer parte do concelho de Loulé ou do Algarve (Casamentos, Baptizados, colóquios, congressos, acontecimentos sociais e desportivos)

R. Eng.º Duarte Pacheco, 16 — Apartado 85

Telef. 63243 — LOULÉ

GOLF

Competição a favor das vítimas do sismo dos Açores

No Campo de Golfe de Palmares e com a colaboração de todos os Campos de Golfe do Algarve vai decorrer, no dia 2 de Fevereiro (sábado) com início pelas 9.30, uma competição cujo produto reverterá a favor das vítimas do recente sismo ocorrido nos Açores.

A competição será jogada em «stableford» e nela poderão participar todos os jogadores nacionais e estrangeiros que queiram colaborar.

No final desta prova haverá a distribuição dos prémios no decorrer de um beiberete, oferecido pelo Hotel de Lagos.

Esta unidade hoteleira fará um

desconto especial para alojamento e pequeno almoço aos jogadores que eventualmente desejem pernoitar em Lagos.

4.º Curso de Artes Plásticas

O INATEL reconhecendo o crescente interesse manifestado pelos trabalhadores ao longo dos vários cursos já levados a efeito e, no prosseguimento das suas iniciativas de âmbito cultural, iniciou, no princípio do mês de Janeiro, as actividades relativas a esta modalidade.

O curso, cujas finalidades são as de promoção cultural dos trabalhadores através da aproveitamento dos seus tempos livres, decorrerá até Junho de 1980.

As aulas dirigidas pelo Pintor de Arte, Sr. José Manuel Domingos, têm lugar, todas as 3.ª e 5.ª feiras, das 21.30 às 22.30 horas, nas instalações da Delegação do INATEL em Faro, à Travessa Castilho.

A Voz de Loulé, n.º 763 de 31-1-80

TRIBUNAL JUDICIAL
DA COMARCA
DE LOULÉ

ANÚNCIO

(1.ª publicação)

Pelo Juízo de Direito da comarca de Loulé e 1.ª secção, nos autos de acção com processo especial para divisão de coisa comum com o n.º 79/79, em que são Autores Maria Salva Bravo Rocha e marido Firmino Rita Duarte, ela costureira e ele empregado no comércio, residentes em Loulé, são citados os Réus INCERTOS, herdeiros do falecido Sebastião de Sousa Moleiro, viúvo, marítimo, residente que foi na povoação e freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, para contestarem no prazo de 10 dias que começa a correr depois de finda a dilação de 30 dias, contada da data da 2.ª e última publicação deste anúncio, consistindo o pedido formulado pelos Autores, em síntese, em o prédio em litígio, de natureza urbana, sito na rua Direita, na dita povoação de Quarteira e inscrito na respectiva matriz sob o art.º n.º 507, ser adjudicado ou se proceder à sua venda, por ser indivisível, como tudo melhor consta do duplicado da petição inicial que se encontra na secção, à disposição dos citandos.

Loulé, 21 de Janeiro de 1980.

O Juiz de Direito,
a) Mário Meira Torres Veiga
O Escrivão de Direito,

a) João do Carmo Semedo

Sítio do Carrazal — Querença



MARIA MATIAS

AGRADECIMENTO

Seu marido Manuel Isabel, filhas Vitalina de Sousa Matias, Maria Matias, e filhos Hermínio Matias de Sousa e Manuel Matias de Sousa e restante família, agradecem a todas as pessoas que de qualquer forma compartilharam da sua dor, vêm tornar público o seu mais penhorado agradecimento a todas aquelas que a acompanharam à sua última morada, numa derradeira expressão de pesar que calou fundo nos nossos corações.

Para todos o penhor da nossa gratidão.

J. MEIRA DE SÁ & RODRIGUES, LIMITADA

SECRETARIA NOTARIAL
DE LOULÉ

Primeiro Cartório a cargo do
Notário Licenciado Nuno
António da Rosa Pereira
da Silva

No dia oito de Janeiro de mil novecentos e oitenta, nesta Secretaria Notarial do concelho de Loulé, perante mim, Licenciado Nuno António da Rosa Pereira da Silva, notário do Primeiro Cartório da mesma Secretaria, compareceram como outorgantes:

Primeiro Juvenal Meira de Sá, natural da freguesia de Barroselas, concelho de Viana do Castelo, e mulher, Maria Zita Veloso Varajão de Sá, natural da freguesia de Santa Maria Maior, concelho de Viana do Castelo, residentes na Avenida Casal Ribeiro, n.º 14-3.º andar, esquerdo, da cidade de Lisboa, casados segundo o regime da comunhão geral de bens;

Segundo — Carlos Maximino Valentim Rodrigues, natural da freguesia de Azueira, concelho de Mafra; e mulher.

Terceiro — Arlete Maria Cruz Vieira Rodrigues, natural da freguesia da Sé, concelho de Nova Lisboa, Huambo, Angola; — residentes no Terraço do Mar, Bloco 3, 2.º piso, apartamento 54, em Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, casados segundo o regime da comunhão de adquiridos.

O primeiro outorgante varão declarou:

Que ele primeiro outorgante e o segundo são os únicos sócios da sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com sede no Centro Comercial da Marina de Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, que gira sob a firma de «J. Meira de Sá & Rodrigues, Limitada», constituída por escritura de um de Julho de mil novecentos e setenta e sete, lavrada de folhas oitenta e sete, do livro número E-cento e setenta, de notas para escrituras diversas, do Vigésimo Cartório Notarial de Lisboa, com o capital social inteiramente realizado de duzentos mil escudos;

Que no aludido capital, cada um dos actuais e únicos sócios, possui uma quota inteiramente liberada, de cem mil escudos;

Que, pela presente escritura e devidamente autorizado pela sociedade, divide a quota que possui na aludida sociedade, no montante de cem mil escudos, em duas novas quotas, uma de oitenta mil escudos e outra de vinte mil escudos, que cede aos segundo e terceira outorgantes, pela forma seguinte:

VENDE-SE

Uma propriedade de sequeiro, c/ arvoredos e dependência agrícolas, situada no Barranco d'Apra (freg. de S. Clemente), Loulé.

Tratar no local com António Gonçalves Calço.

A nova quota de oitenta mil escudos, ao consócio e ora segundo outorgante, Carlos Maximino Valentim Rodrigues; e

A nova quota de vinte mil escudos à ora terceira outorgante, Arlete Maria Cruz Vieira Rodrigues;

Que estas cessões são feitas por preço idêntico ao valor nominal das quotas cedidas, ou seja por oitenta mil escudos, e vinte mil escudos, respectivamente;

Que tendo recebido dos cessionários o referido preço, dá como efectuadas as cessões, e, em consequência, sai da sociedade e renuncia à gerência que na mesma vinha exercendo até ao presente e não autoriza que o seu nome continue a fazer parte da firma social;

Declarou seguidamente a outorgante Maria Zita Veloso Varajão de Sá:

Que presta a seu marido, o necessário consentimento, para inteira validade das cessões efectuadas.

Declararam depois o segundo e a terceira outorgantes:

Que aceitam as cessões que lhes acabam de ser feitas, nos precisos termos exarados.

Que na sua qualidade de actuais e únicos sócios da aludida sociedade, que até ao presente girava sob a firma de «J. Meira de Sá & Rodrigues, Limitada», inteiramente de acordo, resolvem:

Mudar a firma social para «Carlos Rodrigues, Limitada»;

Unificar a quota primitiva do sócio Carlos Maximino Valentim Rodrigues, do valor nominal de cem mil escudos, com a quota adquirida pela presente escritura, no valor nominal de oitenta mil escudos, numa nova quota do valor de cento e oitenta mil escudos;

Nomear gerente da aludida sociedade a nova sócia Arlete Maria Cruz Vieira Rodrigues; — e, em consequência, alterar os artigos primeiro, terceiro, e o corpo do artigo quinto, do pacto social, que passam a ter a seguinte redacção:

Artigo primeiro — A sociedade girará sob a firma de «Carlos Rodrigues, Limitada», tem a sua sede e estabelecimento no Centro Comercial da Marina de Vilamoura, freguesia de Quarteira, concelho de Loulé, e durará por tempo indeterminado, a partir da data da sua constituição;

Artigo terceiro — O capital social, inteiramente realizado em dinheiro e nos outros valores, constantes da respectiva escrita, é do montante de duzentos mil escudos, e corresponde à soma das quotas dos sócios que são as seguintes:

Uma no valor de cento e oitenta mil escudos, pertencente ao sócio Carlos Maximino Valentim Rodrigues; e

Outra de vinte mil escudos, da sócia Arlete Maria Cruz Vieira Rodrigues;

Artigo quinto (corpo do artigo) — Ambos os sócios são gerentes, com dispensa de caução; — para que a sociedade fique validamente obrigada em todos os seus actos e contratos é necessária e suficiente a assinatura do sócio gerente Carlos Maximino Valentim Rodrigues, só podendo a mulher assinar actos de mero expediente.

Por todos os outorgantes foi ainda declarado:

Que a sociedade não possui imóveis no seu activo. Assim o outorgaram.

Adverti os outorgantes de que têm o prazo de três meses para requererem o registo desta alteração, na competente Conservatória do Registo Comercial desta comarca.

Instrui esta escritura e fica arquivada no maço de documentos relativo a este livro de notas, sob o número um, uma certidão passada pela Conservatória do Registo Predial e Comercial desta comarca, da qual consta que a firma, ora adoptada, não é susceptível de se confundir com outra, já registada.

Verifiquei a identidade dos outorgantes, pela exibição dos seus respectivos bilhetes de identidade n.º 7268182, de 29 de Setembro de 1978, 0799121, de 8 de Abril de 1976, 7345090, de 23 de Junho de 1976, e 7345095, de 23 de Junho do mesmo ano, todos emitidos pelo actual Centro de Identificação Civil e Criminal.

Secretaria Notarial de Loulé, oito de Janeiro de mil novecentos e oitenta.

O Segundo Ajudante,
Fernanda Fontes Santana

LOULÉ



MARIA RAIMUNDA

AGRADECIMENTO

Sua nora Maria Margarida Sequeira Guerreiro, neta Margarida da Encarnação Sequeira e restante família vêm por este meio testemunhar o seu reconhecimento a todas as pessoas que compartilharam da sua grande dor, e se dignaram acompanhar à sua última morada a sua saudosa e chorada extinta, não o fazendo pessoalmente, como era de seu desejo por desconhecimento de moradas e ilegibilidade de assinaturas.

APARTAMENTOS E TERRENOS

ALUGAM-SE E VENDEM-SE APARTAMENTOS

E TERRENOS PARA CONSTRUÇÃO E AGRICULTURA.

TRATAR COM CONCEIÇÃO FARRAJOTA, RUA D.

AFONSO III - R/C, Fte. — QUARTEIRA, OU PELO TE.

LEFONE 65852 (das 20-22 h.).

(12-1)

SERVIÇOS REGIONAIS DE AGRICULTURA

RECENSEAMENTO AGRÍCOLA
DO CONTINENTE

Está a decorrer no Algarve, como aliás em todo o País, o Recenseamento Agrícola do Continente realizado pelo Instituto Nacional de Estatística em colaboração com a Direcção Regional de Agricultura do Algarve.

No Distrito de Faro estão a funcionar neste trabalho 88 agentes inquiridores devidamente credenciados pelo INE, para os quais se espera a melhor compreensão e receptividade por parte dos agricultores inquiridos.

O inquérito cuja coordenação está a cargo de 14 técnicos dos Serviços Regionais é absolutamente confidencial e, embora de carácter obrigatório, não envolve quaisquer fins que não sejam os estatísticos. Serão inquiridos todos os produtores agrícolas e florestais e detentores de gado e animais de capoeira, para recolha dos diversos dados constantes dos boletins em uso.

Aos Senhores agricultores, o INE e os Serviços Regionais de Agricultura solicitam o melhor apoio e compreensão para os agentes inquiridores que deles se abeirarem. Assim fazendo, o inquérito poderá decorrer com normalidade.

Da verdade nos resultados apurados, depende o estabelecimento de medidas adequadas para uma política de desenvolvimento agrícola e melhor defesa de quantos trabalham neste importante sector económico.

A «FAMÍLIA CARVALHELHOS»
reuniu-se de novo no Algarve

(Continuação da pág. 1)

própria comunidade onde nos inserimos. E isto até porque, caso especial, o estímulo ao consumo de água de comprovada pureza é um benefício de que todos devíamos poder usufruir porque está em causa a nossa própria saúde.

Por isso a Empresa de Carvalhelhos promove reuniões, faz festas, estimula vontades e desenvolve uma tenaz e útil propaganda da mais necessária e sã: a bebida que o Mundo conhece: a água! Ninguém tem o direito de a criticar por isso, pois é uma propaganda benéfica dum produto essencial à vida e que mesmo assim só é permitido fazer-se nos países livres onde a propaganda é permitida e em menos casos necessária para que o grande público conheça aquilo que pode encontrar à venda no mercado e cuja existência de outra forma nunca conhecerá e de cujos benefícios não pode, portanto, usufruir.

Para que os seus agentes e revendedores saibam qual foi o reflexo da sua acção no contexto da empresa que representam e o que fez durante o ano transacto e quais os projectos da dinâmica para o ano seguinte, a Administração da Empresa das Águas de Carvalhelhos promove reuniões anuais em todo o País para dizer o que fez e o que tenciona fazer para estimular os seus colaboradores de que a empresa não pode estacionar, que quer avançar, que quer ir mais alto e mais além, no aumento de vendas, na concessão de melhoria das condições de vida daquelas que a servem, tornar mais agradável e sadia vida daqueles que trabalham nos confins do Nordeste transmontano e de cujas vertentes brotam límpidas e sãs e essa dádiva da Natureza que são as Águas de Carvalhelhos, cuja organização é já hoje um pequeno mundo, claramente patentado no magnífico filme que vimos projectado e que é marca iniludível do dinamismo dum empresa privada, com vontade de crescer, com iniciativa própria e liberta da burocracia que caracteriza um Estado retrógrado e apático, que se tem revelado incapaz de relançar ideias, de dinamizar conceitos, de fazer progredir aquilo que lhe compete, mesmo quando estão em causa os superiores interesses do País. O contraste é tão evidente que nos custa crer como é que há ainda pessoas tão burras neste país que continuam a defender tão cretinamente a ultrapassada ideia de que o Estado deve ser dono de tudo e de todos... para que todos fiquemos amarrados ao seu despótico e maléfico Poder.

A dinâmica dum empresa privada é claramente patenteada quando homens de acção e espírito empreendedor, como é o caso de um Francisco Guedes, que é Administrador de Carvalhelhos, ou de Jorge Araújo, que é o director comercial, se deslocam ao Algarve e aqui contactam com os seus agentes (Costa, Pina & Vilaverde, através do sócio gerente Próspero Vilaverde), com o gerente da filial de Faro, Agostinho Castro, e promovendo uma reunião onde se concentraram

mais de 80 subagentes dos distritos de Beja e Faro. E vieram para discutir problemas que a todos dizem respeito porque lhes interessa saber o que se passa na empresa para a qual trabalham, não esquecendo os aspectos duma comercialização que é preciso fomentar, duma orgânica que é urgente manter e duma melhor distribuição que seja aconselhável fazer para corresponder às exigências de uma procura cada vez maior do produto que estão interessados em vender.

E nesta, como em muitas outras reuniões similares, a Empresa das Águas de Carvalhelhos não se esqueceu da presença amiga dos representantes da imprensa regional, à qual tem dado grande apoio, através de reuniões que tem promovido no sentido de com ela colaborar na solução de problemas que são peculiares aos órgãos de informação.

O Director Comercial da Empresa, ao usar da palavra para dizer que naquele encontro se comemorava o êxito de mais um ano de profícuo trabalho, não se esqueceu de frisar as atenções que têm sido dedicadas à imprensa regional no sentido de estimular a sua acção e contribuir para um melhor entendimento entre os que nela trabalham, pois considera extremamente relevante a missão de um jornal no pequeno meio em que se insere, porque pode dar forte contributo para esclarecimento e elevação da cultura geral dos seus numerosos leitores, pois um país será tanto mais evoluído quanto mais alto for o grau de cultura dos seus habitantes. Nós somos testemunhas de que o apoio dado à imprensa regional pela Empresa das Águas de Carvalhelhos não tem tido carácter mercantil e por isso, tal como o sr. Jorge Araújo o fez, também nós nos insurgimos contra a injustificável blasfémia de um nosso colega que teve o desdramatamento de difamar esta Empresa dizendo que se pretende substituir ao antigo SNI, e fazendo-o sem o menor respeito que a Verdade deve merecer a quantos trabalham pelo engrandecimento de uma imprensa que se quer liberta de tutelas e compadrios. A administração ficou naturalmente chocada com essa desconexa afirmação, e nós temos a consciência de que não merecia tamanho enxovalho quem tão gentilmente se tem interessado por fazer juntar quantos trabalham para que se mantenha firme e coesa uma imprensa que tem sabido manter uma elevada verticalidade quando estão em jogo o futuro e a felicidade dos portugueses e cuja leitura é «saboreada». Por aqueles que mais directamente sentem os problemas da sua terra, da sua gente. «Se o 24 de Abril nos deixou pesadas heranças», disse o orador, «uma delas é a de que o Povo não tenha evoluído ao nível dos outros países europeus e ao qual tinha direito. Por isso, ao apoiar a imprensa regional, a Empresa preocupa-se especialmente em contribuir para a valorização de um sector que pode ajudar muito a que os portugueses disfrutem de maior discernimento face aos problemas de sua vida quotidiana e nunca pretendeu manipulá-la ou acorrentá-la aos seus interesses, o que aliás seria uma flagrante violação da boa ética e da convivência que sempre pretendeu acarinhá-la com a prática de acções concretas e sempre muito bem recebidas por todos os participantes... com a única excepção agora em causa».

Em apoio à tese defendida pelo sr. Jorge Araújo, falou o nosso prezado colega Ofir Chagas, director do jornal «O Távora» para lamentar profundamente a triste ocorrência e dizer que um colega não pode, só por si, representar legitimamente a voz da imprensa regional. Levantava a sua voz apenas em nome dos jornais ali presentes, mas podia afirmar que estava traduzindo o

pensamento de quantos, em outras ocasiões, sempre têm reconhecido a isenção do apoio dado pela Empresa Carvalhelhos, frisando que se «antes não estivemos a soldo do SNI, muito menos estaríamos agora a soldo de uma empresa privada apesar das gentilezas que dela temos recebido».

Uma empresa que tem promovido vários encontros da imprensa regional e dela tem recebido infindáveis provas de respeito, amizade, reconhecimento e compreensão pelos seus problemas, não pode, não deve sentir-se melindrada por um simples artigo escrito por um jornalista certamente em hora de má digestão... por carência de uma boa água!

Ofir Chagas aproveitou a ocasião para se referir ao facto de a Empresa de Águas de Carvalhelhos projectar um novo encontro com a imprensa regional, em 1981 e sugerir o Algarve como local ideal para um acontecimento de grande relevância para quantos trabalham na e para aquela próspera Empresa.

O sr. Francisco Guedes, administrador da Empresa também usou da palavra para se congratular com a presença amiga de tantos colaboradores, cujo dinâmico trabalho tanto tem contribuído para que, durante o ano de 1979, tivessem sido vendidas 50 milhões de garrafas de água Carvalhelhos e 1/4 de todas as garrafas e garrafas vendidas em Portugal, frisando que não vê nos números a satisfação máxima da sua alegria pois que, mais importante do que os lucros que isso possa proporcionar à Empresa, está a realização de um objectivo em que todos devemos estar empenhados: contribuir para o bem estar geral de quantos trabalham no sector e para o progresso geral do País. Disse ainda: «Há por aí quem nada faça porque não tem nenhum objectivo na vida. Mas a linha de rumo que tenho travado para comigo mesmo tem sido a de dar o máximo possível do meu esforço para contribuir para o enriquecimento dos que comigo têm trabalhado», acrescentando que todos devemos lutar afinadamente para fazermos avançar este país nos bons caminhos do progresso e sã civilização, não culpando os outros dos erros que cometem, porque somos nós os atingidos... quando são os «outros» a falar. É uma ideia errada pensarmos que nós nunca somos culpados dos males que nos afligem. Dirigir as culpas para os «outros» é uma certa queda dos que pensam que só os «outros» cometem erros.

Após o reunião de trabalho efectuou-se um almoço-convívio, servido nas excelentes instalações do Oleandro Club, em Albufeira pertencente às Organizações Fernando Barate, que foi animado por magnífico espírito de confraternização entre os membros da numerosa «Família Carvalhelhos», terminando com uma muito apreciada tarde de fados proporcionada pela Empresa como simpático «Fim de Festa».

Não podemos terminar sem endereçarmos à Empresa das Águas Carvalhelhos pelos agradáveis momentos de convívio que proporcionou aos órgãos da imprensa regional, conjuntamente com os numerosos e amáveis colaboradores da Empresa.

LUÍS PONTES

ADVOGADO

Rua D. Paio Peres Correia,

N.º 31 — Telef. 62406

LOULÉ

A Avenida José da Costa Mealha em Loulé
foi cenário de um assalto em pleno dia

Mesmo nos conturbados tempos em que vivemos, não é, felizmente, normal assaltos em pleno dia, especialmente em pacatas terras de província. Pois desta vez isso aconteceu em Loulé e mais precisamente na Avenida José da Costa Mealha (junto do Banco Espírito Santo) e portanto ainda na parte central da Vila.

A vítima escolhida foi a sr.ª D. Maria do Resgate Faisca Tavares, viúva do sr. Dr. Aires de Lemos Tavares, que foi presidente da Câmara de Loulé. O assaltante foi um indivíduo de nome Carlos Manuel da Silva, casado, de 22 anos de idade, natural de Aljezur, filho de António Joaquim Manuel e de Mariana Silva e residente em Azambuja.

O assalto verificou-se cerca das 10 horas e foi feito através de uma janela com rede mosquiteira, tendo a locatária sido atacada de surpresa e de costas. Com a boca tapada por um lenço e a garganta apertada, a sr.ª D. Maria do Resgate teve grande dificuldade em fazer-se compreender que não podia dar dinheiro porque não o tinha em casa, sendo por isso intimada a assinar um cheque. Entretanto a sr.ª conseguiu libertar-se das garras do atacante e fugiu para a rua pedindo socorro. Ao contrário do que certamente faria um ladrão experimentado, o Carlos Manuel preferiu esconder-se dentro da própria casa assaltada. Tratando-se de um dos locais mais movimentados da Vila, era evidente que a casa seria cercada rapidamente por uma pequena multidão de curiosos para assistirem ao trabalho do «polícia contra o ladrão». Com o quarenta e poucos metros de distância, chegaram primeiro os bombeiros que vasculharam todos os recantos da casa, chegando a duvidar que o ladrão ainda lá se encontrasse. Entretanto chega a P. S. P. e um dos guardas conseguiu localizar o assaltante aconchegado a um canto do galinheiro.

Sob prisão e o espanto de quantos reconheceram o «filho do rendeiro da casa» o Carlos Manuel recolheu ao calabouço, donde seguiu para a cadeia de Faro, não sendo de esperar que no Tribunal tenha atenuantes, considerando a forma como actuou, tanto pelo assalto como pela agressão física, pois a sr.ª ficou

bastante magoada na boca, além do susto que apanhou e do qual certamente nunca mais se esquecerá.

Como é evidente, este caso provocou grande alarido em toda a Vila e coloca de sobreaviso todas as senhoras que estão sós em casa, ou porque são viúvas ou porque os seus familiares trabalham durante o dia, pois viu-se agora que, nem a claridade do dia nem o movimento das ruas são já razão suficiente para atemorizar os marginais que querem viver à custa de roubos e assaltos, recorrendo a todos os meios para atingir os seus fins: viver sem trabalhar.

E isto é tão certo como verdadeiro depreender-se que o Carlos Manuel se preparava para fazer «profissão» de assaltante, pois era portador do seguinte material: 2 borrachas ventosas e um diamante para contar o vidro por onde a mão possa entrar; 2 fios de sisal; 1 embalagem de adesivo (para segurar a roupa com que tapasse a boca das vítimas); 1 par de luvas de lã e ainda outros pequenos utensílios de assalto.

O assaltante não era portador de qualquer documento de identificação.

Será desejável que a amarga experiência do fracassado assalto lhe sirva de lição para o resto da vida. Oxalá chegue à conclusão de que o «crime não compensa» e de que mais vale seguir uma linha de vida honesta e de trabalho produtivo, que dá felicidade e a certeza de que se é útil à sociedade.

BODAS DE PRATA MATRIMONIAIS

No dia 16 de Janeiro de 1955, celebrou-se na Igreja de Almada, o enlace matrimonial dos nossos conterrâneos sr.ª D. Catarina Correia Pires Cebola com o sr. João Aleixo Cebola, nosso velho amigo e assinante radicado em Calhais.

Agora, 25 anos depois, é-nos grato registar que puderam comemorar as suas Bodas de Prata e que podem sentir-se felizes por terem unido os seus destinos pelos laços de sacramento, facto que quiseram assinalar com uma Missa de acção de Graças, que

se celebrou na Igreja do Bom Sucesso, em Almada e em que participou o filho do casal sr. João Manuel Pires Cebola.

Na festa íntima que depois promoveram, associaram-se familiares e alguns amigos, num amplexo de fraternidade conjugal, onde não faltaram os votos de que assinalem as Bodas de Ouro, ao que também nos associamos, enquanto endereçamos os nossos parabéns ao feliz casal de Louletanos... que nunca esqueçam a sua terra natal.

FOI INAUGURADO EM LOULÉ UM CENTRO DE DIA PARA A TERCEIRA IDADE

Na. Estamos com a Europa mais evoluída e será dela que nos teremos de aproximar cada vez mais.

● O QUE É E COMO VAI FUNCIONAR O CENTRO DE DIA PARA A TERCEIRA IDADE

Como dissemos no princípio desta crónica, o Centro de Dia para a Terceira Idade começou a desenvolver-se a partir de 1977, através dum alerta de que o Estado tinha verbas disponíveis para este tipo de instituições a criar no Algarve. Portanto, era urgente não perder uma hora sequer para dinamizar a ideia que logo à partida teria como base a existência legal da Santa Casa da Misericórdia de Loulé, uma secular instituição que o PREC não conseguiu destruir embora o Estado tivesse tomado conta dos serviços hospitalares e, por consequência, do próprio edifício... sem que, até hoje, tivesse reunido qualquer recompensa pela utilização de todos os bens da Santa Casa da Misericórdia, a qual se chegou a pensar tivesse sido pura e simplesmente extinta em consequência das catastróficas nacionalizações...

Por isso, oportunamente, a respectiva Mesa se demitiu.

Mas o espírito de solidariedade humana não chegou a ser extinto em Loulé e por isso a persistência de algumas pessoas forçou a criação de uma Comissão Administrativa que organizou a administração e criou as condições para a eleição, entre os irmãos, da Mesa actualmente em funções, as quais são exercidas conforme noutra estatutária. A essas normas estão vinculados os serviços do Centro de Dia, o qual funciona sobre inteira responsabilidade da Santa Casa, embora com o apoio técnico e financeiro do Estado, pois só assim seria possível prestar assistência gratuita aos que dela carecem e apenas exigir aos que podem pagar, uma suave percentagem em função dos seus rendimentos.

Mas antes que tudo isto funcionasse, foi necessário desenvolver muito trabalho, com aturada persistência que se estendeu um longo e cansativo processo em procura de apoios, pedindo colaboração, pressionando boas vontades, dinamizando projectos, criando estruturas, dando beleza à casa, pedindo móveis, comprando utensílios, aceitando ofertas.

A Câmara de Loulé ajudou imenso, o Centro de Saúde colaborou com a extrema boa vontade que é característica do respectivo Delegado de Saúde sr. Dr. Francisco Inês. Um comerciante ofereceu um rádio giradiscos, outro uma máquina eléctrica de cortar fiambre e os outros oferecem produtos do seu ramo ou dão ajuda monetária.

Entretanto vão chegando subsídios do Estado, através do Instituto da Família e Acção Social, traduzida em largas centenas de contos, para uma máquina de lavar roupa que é preciso comprar, para uma outra de engomar considerada imprescindível, para a conclusão de obras que não podem parar.

Mas não se perde tempo nem oportunidade de se ajudar quem precise de uma casa limpa, de uma refeição a horas, de uma injeção no momento necessário. As assistentes sociais sr.ª D. Manuela Flor e Deolinda Belchior e empregadas já em actividade, deslocam-se aos domicílios onde a sua presença é necessária para acudir a um doente, para oferecer uma refeição reconfortante, para fazer o que for necessário,

desde o lavar da casa a engomar a roupa dos que vivendo sós e sem forças para trabalhar, precisam da ajuda constante das pessoas válidas que lhes ajudam em tantas aflições. Quem puder sair de suas casas e não possa fazer comida, também não passa fome por isso o Centro de Dia está aberto para servir quem dele precise. A sua capacidade é de 40 pessoas, mas ainda não está totalmente cheio pois as pessoas idosas ainda estão mentalizadas com as ideias de que não precisam «sitar-se» e, supondo que se trata de um asilo para velhos... respondem: «eu não sou velho».

Além da Comissão directiva, o Centro de Loulé começou a funcionar sob orientação da directora técnica sr.ª D. Deolinda Belchior, da encarregada geral, sr.ª D. Maria Antónia Gama e ainda uma cozinheira e 2 ajudantes.

Estão assim criadas as estruturas para o bom funcionamento dos serviços, os quais se espera sejam alargados muito brevemente. Os serviços oficiais pagam os ordenados (com excepção do da cozinheira) e concedendo também um subsídio mensal de 900\$00 por cada idoso que utilize os serviços do Centro, o qual tem contado com a valiosa e activa colaboração das dedicadas assistentes sociais sr.ª D. Maria Emília, D. Aurora Martins e D. Maria da Graça Farley, que têm sido incansáveis no trabalho e no interesse com que têm contribuído para o funcionamento deste Centro.

Preziosíssima colaboração (que se dinâmico dinamizadora da obra) tem sido a sr.ª D. Catarina Farrajota, que há cerca de 30 anos foi a obreira n.º 1 desse modelo de assistência à criança que tem sido a Casa da Primeira Infância de Loulé e que, sem descurar os seus cuidados constantes por esta instituição (que nunca abandonou), ela, de novo, a preocupar-se agora com os idosos, os desamparados, com aqueles que sentindo-se na última etapa da vida, precisam de mais cuidados, de mais empenho, de conforto espiritual e duma convivência que lhes dê nova alegria, sentido de beleza e novo alento à vida.

D. Catarina Farrajota é um exemplo dignificante de quem se pode fazer pelos outros quando nos guiam nobres ideais de fraternidade humana.

● UM DIA DE FESTA PARA COLABORADORES E BENEFICIÁRIOS DA OBRA

No dia da abertura do Centro, estiveram presentes não apenas o Dr. Jorge Simões, como já dissemos, mas também o director de Serviços da Assistência Social, sr. Dr. Nuno Cadete, assim como o Presidente da Câmara de Loulé e alguns Vereadores e ainda o sr. António Maria Andrade de Sousa, que desempenhou papel muito importante no prosseguimento das acções dinamizadoras que levaram à concretização desta importante obra com que Loulé foi dotada. Como Presidente da Câmara deu apoio incondicional à iniciativa e valiosa colaboração através dos serviços camarários.

Além das entidades oficiais esteve presente muito público, especialmente senhoras, que são sempre mais sensíveis a estas obras de carácter social.

Mas também não faltou a alacridade juvenil dos componentes de «Voze e Viole», um agrupamento musical que animou extraordinariamente aquela festa simples, mas de elevado cunho social, que simboliza toda a transformação de uma sociedade a que estamos assistindo. Estamos contentes por vermos que, final-

mente, neste país se está a fazer algo de positivo por aqueles que são considerados os mais desprotegidos, só porque ultrapassaram a marca dos 65 anos. Como é evidente, a alegria dos jovens contagiou os mais idosos e todos cantaram o «Malhão, Malhão», as «Cantigas da Rua», o «Bailinho da Madeira» e muitas outras cantigas populares que muito animaram o ambiente.

E o mais impressionante é que o agrupamento a que nos estamos referindo não se limitou a animar a festa. Foi mais longe o seu gesto de simpatia para com a obra inaugurada, foi mais firme a sua vontade de ajudar, foi mais forte o seu contributo para estimular vontades, para incentivar o gosto de colaborar. A sua ajuda é muito de apreciar porque é o resultado de trabalho extenuante como é o de cantar as «Janeiras» até às tantas da noite, de ir em rua, de porta em porta, a tocar, a cantar, a dizer às pessoas que é preciso ajudar o Centro de Dia da Terceira Idade, porque todos nós desejamos caminhar para ela, embora ninguém queira ser velho...

Pois esse trabalho nocturno, batendo à porta de pessoas amigas, conhecidas e desconhecidas traduziu-se na avultada soma de 41.000\$00!

Gesto simpático, sem dúvida, que atesta bem a nobreza de sentimentos de quem se dispõe assim a ajudar tão meritória obra com que Loulé acaba de ser dotada.

● MAS A OBRA NÃO PARA. A OBRA NÃO PARARÁ

No próprio dia da inauguração do Centro (de Lisboa teriam feito isso de propósito para alegrar a festa?) correu céere e boa nova de que já tinham chegado os 1.400 contos prometidos para que se possa avançar com as indispensáveis obras de adaptação do edifício, em cujo rés-do-chão funciona o B. N. U., para o Lar da Terceira Idade.

Metade do edifício já tinha sido doado à Santa Casa da Misericórdia pelo falecido proprietário sr. José da Costa Guerreiro e a outra metade foi comprada aos herdeiros com o dinheiro que o Estado restituiu à Santa Casa e que estava depositado na Caixa Geral de Depósitos aquando das famosas nacionalizações.

É oportuno salientar que se tratou de uma operação extremamente difícil e melindrosa, mas que foi um êxito graças à inteligência, força de vontade e persistência do sr. Dr. Jorge Simões, que não descurou enquanto o Estado não fez justiça perante a afronta de aquela instituição fora vítima.

Que justiça seja feita também à sr.ª D. Catarina Farrajota, que foi a grande impulsora da Casa da Primeira Infância, deu valioso contributo para a abertura do Centro de Dia e não tem descansado para que o Lar da Terceira Idade seja uma próxima realidade em Loulé.

Aliás devemos acrescentar que, como Provedor da Santa Casa da Misericórdia, é a principal responsável pelas duas instituições que se criaram agora para apoiar pessoas da terceira idade.

Está no entanto rodeada de bons colaboradores, que fazem parte da Mesa e não se poupam a esforços quando é necessário resolver problemas de interesse colectivo.

São eles os srs. Aníbal Marum Pereira (Vice-provedor); Manuel Farrajota Martins (Secretário); Alberto Nanciso Guerreiro (Tesoureiro); João Maria Martins da Silva (1.º vogal); João Manuel Martins Baltazar (2.º vogal) e João Tiago de Oliveira (3.º vogal).

JUSTIFICAÇÃO NOTARIAL

SECRETARIA NOTARIAL DE LOULÉ

Segundo Cartório

Notário: — Licenciada Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

CERTIFICO: — Para efeitos de publicação que neste Cartório e no livro B-62, de Notas para Escrituras Diversas, de folhas 43 a 45, se encontra uma escritura de justificação, outorgada no dia dezasseis de Janeiro do ano corrente, na qual António José Aleixo Ventura e mulher Benedita Maria José das Neves Altura ou Maria Benedita das Neves Aleixo, residentes na Rua Almirante José Mendes Cabeçadas, 39-B, 3.º, Barreiro, se declaram donos e legítimos possuidores, com exclusão de outrem, do seguinte prédio: — Urbano, composto de uma morada de casas térreas, para habitação, com três quartos, corredor, cozinha, uma arrecadação e cisterna, logradouro com pocilga e galinheiros, com a área coberta de setenta e oito metros quadrados e com a descoberta de cento e cinquenta metros quadrados, sito no sítio da Maritenda, na freguesia de Boli-queime, concelho de Loulé, que confronta do norte com herdeiros de Manuel Fernandes Aleixo, do nascente e sul com caminho e do poente com Manuel de Sousa Cucco, inscrito na matriz predial respectiva sob o artigo número dois mil trezentos e vinte e seis, com o valor matricial de sessenta e quatro mil e oitocentos escudos, e o atribuído de oitenta mil escudos.

Que o mesmo está omisso na Conservatória do Registo Predial deste concelho, conforme se infere de uma certidão lá passada e neste acto apresentada. Por quan-

to, por escritura de dois de Maio do ano findo, lavrada a fls. 103, v.º, do Livro n.º C-58, de Notas para Escrituras Diversas, deste Cartório, o mesmo foi-lhe doado, sem qualquer reserva ou encargo, e por conta da sua legítima, por seus pais Francisco José Altura e mulher Maria Gertrudes Aleixo, residentes no aludido sítio de Maritenda, e casados segundo o regime da comunhão geral de bens. — Que atendendo ao disposto no número um do artigo treze, do Código do Registo Predial, não é aquela escritura título suficiente para registo, mas a verdade é que os transmitentes, eram na data da referida escritura de doação, donos e legítimos possuidores, também com exclusão de outrem do prédio supra descrito e então doado, pelo facto do mesmo haver sido construído em mil novecentos e cinquenta, e inteiramente à sua custa, sobre um talhão de terreno para construção urbana, com a área de duzentos e vinte e oito metros quadrados, no aludido sítio da Maritenda, que eles doadores possuíam há mais de trinta anos, sem a menor oposição de quem quer que fosse, posse sempre exercida sem interrupção e ostensivamente com conhecimento de toda a gente, sendo por isso a sua posse pacífica, contínua e pública, pelo que o haviam adquirido por usucapião, não tendo em face do exposto, possibilidade de comprovarem o seu direito de propriedade plena, a favor dos transmitentes, sobre o aludido prédio, pelos meios extrajudiciais normais.

Está conforme.
Secretaria Notarial de Loulé, 22 de Janeiro de 1980.

A Notária,
Maria Odília Simão Cavaco e Duarte Chagas

ANÚNCIO - CONVOCATÓRIA

RODRENÇOL — RODRIGUES & RODRIGUES, EMPREITEIROS, LIMITADA — sociedade por quotas de responsabilidade limitada, com sede na Rua Ascensão Guimarães, n.º 161, 3.º/Esquerdo, em Loulé, a solicitação do sócio-gerente Bento Rodrigues, convoca todos os sócios para uma Assembleia Geral Extraordinária a realizar no dia 10 de Março, do corrente ano, pelas 16 horas, no 2.º Cartório Notarial de Loulé, cujo fim consiste em deliberar sobre a redução do capital social de 10 000 000\$00 para 1 800 000\$00.

Loulé, 25 de Janeiro de 1980.

a) Bento Rodrigues

ASSEMBLEIA MUNICIPAL DO CONCELHO DE LOULÉ

AVISO

Realiza-se no dia 2 de Fevereiro próximo, pelas 15 horas no Salão Nobre da Câmara Municipal de Loulé, uma sessão Extraordinária desta Assembleia, com a seguinte ordem de trabalhos:

— DISCUSSÃO E APROVAÇÃO DO REGIMENTO.

O Presidente da Assembleia,
Luís Pontes

EXPORTADORES ➤

IMPORTADORES ➤

ARMAZENISTAS ➤

DISTRIBUIDORES ➤



A ORGANIZAÇÃO DE QUE O ALGARVE SE ORGULHA

Est. TEÓFILO FONTAINHAS
SÃO BARTOLOMEU DE MESSINES - R. JOÃO DE DEUS 55, 77 APT. 1 - TELEX 45306/7/8/9

PESTICIDAS **BAYER**
LAMINAS DE BARBEAR **WILKINSON**

VINHOS **ARRUDA**
VINHO VERDES **Campelo**

NETO Come Ind. SARL.
45306/7/8/9 TELEX 18233 TEOF P

Depósitos:

FARO/OLHÃO
PORTIMÃO
LAGOS
TAVIRA

CERVEJAS **SUPER BOCK e Tuborg**
ÁGUAS **CASTELO DE VIDE**
REFRIGERANTES **Iaranja C. e Frisumo**
VINHOS DO PORTO **POÇAS JUNIOR**
BRANDÊS **"MACIEIRA" e POÇAS JUNIOR**
WHISKY **TEACHER'S**
ESPUMANTES **Cavê Vice Riet**
CONSERVAS VEGETAIS E SUMOS **compall**
CARNES **TÓBOM**

MONDITECA-SUL — Montagem de Divisórias e Tectos Amovíveis, Limitada

CARTÓRIO NOTARIAL DE SÃO BRÁS DE ALPORTEL

Certifico, para efeitos de publicação, que por escritura de dois do corrente mês, exarada de folhas 52 a 54 do livro 9-B, deste Cartório, a cargo da notária licenciada Soledade Maria Pontes de Sousa Inês, foi constituída entre JOSÉ ANTÓNIO MIGUEL VAZ, JOSÉ MANUEL DA COSTA ESCUDEIRO, IVONE MARGARETH RIBEIRO DO FONSECA, VITOR MANUEL ALVES DA SILVA, DANIEL BARBOSA FERREIRA e MANUEL LUÍS BRAGA DOS SANTOS, uma sociedade comercial por quotas de responsabilidade limitada, com a denominação em epígrafe, a qual ficou a reger-se pelo pacto social constante da fotocópia anexa, que com esta se compõe de três folhas e vai conforme ao original.

PRIMEIRO — A sociedade adopta a denominação de «MONDITECA — SUL — MONTAGEM DE DIVISÓRIAS E TECTOS AMOVÍVEIS, LIMITADA» e vai ter a sua sede na Estrada Nacional cento e vinte e cinco, em Almancil, freguesia de

Almancil, concelho de Loulé e durará por tempo indeterminado, a partir de hoje.

SEGUNDO — O seu objecto consiste no comércio de montagem de divisórias e tectos amovíveis e tudo o que se relacionar com esta actividade e ainda qualquer outro ramo de comércio que a sociedade resolva explorar e a lei permita.

TERCEIRO — O capital social é de quatrocentos mil escudos, integralmente realizado em dinheiro e corresponde à soma de cinco quotas de quarenta mil escudos, cada uma e a uma de duzentos mil escudos, subscritas do seguinte modo:

Uma de duzentos mil escudos, pertencente ao sócio José António Miguel Vaz e cada uma das quotas de quarenta mil escudos, pertencentes a cada um dos restantes sócios.

QUARTO — A cessão total ou parcial de quotas entre sócios é livremente permitida, porém, a estranhos depende do consentimento da sociedade.

QUINTO — É dispensada a autorização especial da sociedade para a divisão de quotas, no caso de cessão

ou no de sucessão, entre sócios ou herdeiros dos sócios.

SEXTO — A gerência da sociedade e a sua representação em juízo e fora dele, activa e passivamente, pertence a todos os sócios, que desde já ficam nomeados gerentes com dispensa de caução e com ou sem remuneração, conforme for deliberado em assembleia geral.

SÉTIMO — Para obrigar a sociedade em todos os seus actos e contratos, é suficiente a assinatura do sócio José António Miguel Vaz conjuntamente com a de qualquer outro sócio.

OITAVO — A sociedade fica desde já autorizada a transaccionar qualquer veículo automóvel ou a tomar de arrendamento bens imóveis.

NONO — As assembleias gerais serão convocadas através de carta registada dirigida aos sócios com a antecedência mínima de oito dias, quando a lei não determinar de modo diferente.

São Brás de Alportel, sete de Janeiro de mil novecentos e oitenta.

A Terceira Ajudante
(Assinatura ilegível)

MANUEL JOAQUIM PINTO, LDA.

Certifico para fins de publicação que por escritura de ontem, lavrada a fls. 74 do Livro C-12 do 1.º Cartório da Secretaria Notarial de Faro, a cargo do Notário abaixo assinado, foi mudada a sede da firma em epígrafe, aumentado o capital social de 260 000\$00 para 2 000 000\$ e alterados os artigos 1.º e 3.º e o § único do artigo 5.º do pacto social, os quais passaram a ter a seguinte redacção:

Artigo 1.º: — A sociedade adopta a firma «Manuel Joaquim Pinto, Lda., tem a sua sede na Rua de Acesso ao Bairro Municipal, sem número de polícia, freguesia de São Clemente, em Loulé, durará por tempo indeterminado, com início em 1 de Agosto de 1966.

Artigo 3.º: — O capital social é de 2 000 000\$00, encontra-se inteiramente realizado em dinheiro e noutros valores constantes da escritura da sociedade e corresponde à soma das seguintes quotas: uma com o valor de 1 000 000\$00 pertencente ao sócio Francisco Contreiras Barra e outra do mesmo valor pertencente à sócia Maria da Glória Neto Fernandes Barra.

Artigo 5.º: — § único: — A sociedade pode constituir

mandatários e qualquer dos gerentes pode delegar parcial ou totalmente os seus poderes de gerência, por meio de procuração, ainda que em pessoa estranha à sociedade.

Está conforme.

Faro, 17 de Janeiro de 1980.

O Notário,
(Assinatura ilegível)

VENDE-SE

ALFA ROMEO 1750

Em bom estado

Trata: Dr. JACINTO DUARTE
Telef. 62747 — LOULÉ

TERRENOS

Vende-se uma mobília de quarto, com 2 camas, (de estilo moderno). Não ainda foi utilizada.

Tratar pelo telefone 66235 (até às 13 horas).

MOBÍLIA DE QUARTO

Vendo lote situado entre a Fonte Santa e o mar, e outro no sítio das Pereiras — ideal para construção.

Tratar com: Joaquim Faisca — Torre Azul, 1.º-C — QUARTEIRA.

CONCURSO FOTOGRAFICO SOBRE CHAMINÉS ALGARVIAS

Durante o prolongado e, aparentemente, inexplicável silêncio que temos mantido acerca do Concurso sobre Chaminés Algarvias, chegaram até nós algumas interrogações de concorrentes naturalmente curiosos por conhecerem o resultado da classificação.

Como era evidente, as fotografias andaram de mão em mão para serem apreciadas pelos membros do júri que se formou para esse efeito, os quais por sua vez as mostraram a amigos... que também têm amigos que se interessam ainda (e felizmente) por coisas que são símbolos do nosso Algarve e das suas ricas tradições.

Em determinada altura perdemos o contacto com as fotografias e compreendemos que alguém as guardara tão bem que... não sabia onde.

Não podíamos dizer que as fotografias estavam perdidas... até porque isso não era verdade e também não podíamos revelar o resultado do concurso antes de estar concluída a apreciação.

O silêncio era a única alternativa.

Silêncio que quebramos hoje para dizer que o júri já decidiu acerca das fotografias que entendeu merecedoras dos 3 primeiros prémios.

Já encomendámos as fotograíuras para, no próximo número, as publicarmos e revelarmos os nomes dos premiados.

Podemos ainda acrescentar que foram 36 os trabalhos apresentados, o que revela o interesse que o nosso concurso mereceu.

A selecção foi difícil, face à quantidade de boas fotografias, à felicidade dos ângulos focados e também aos tipos de chaminés apresentadas.

Com este concurso pretendemos divulgar a arte da chaminé algarvia e chamar a atenção dos responsáveis para que não percam tão simpática tradição.

Radiorrastreio-1980

Concelho de Loulé

Desde Novembro que estão a funcionar no Algarve as brigadas que realizam as sessões de Radiorrastreio referentes a 1979/80.

Como é sabido, as unidades móveis do I. A. N. T. funcionam em determinados locais para efeito do fornecimento gratuito de microrradiografias do torax, documento indispensável para todos os indivíduos que trabalhem com géneros alimentícios e careçam por isso de possuir Boletim de Sanidade ou de renovar o que possuam consoante as prescrições legais. A falta da micro, obtida de graça, obriga à obtenção de radiografia, paga pelos interessados.

Todas as pessoas que, por imposição da Lei, tenham que apresentar a microrradiografia do torax ou as que apenas desejem aproveitar a passagem pelo Concelho de Loulé, da brigada móvel, podem fazê-lo nos seguintes dias locais, durante os dias 5 a 15 de Fevereiro:

- Dia 5 às 10 horas — Quarteira.
- 6, às 10 horas — Boliqueime.
- 6, às 15 horas — Almaraz.
- 7, às 10 horas — Loulé — A. T. F. F.
- 8, às 10 horas — Boletins de Sanidade.
- 9, às 10 horas — Boletins de Sanidade.
- 11, às 15 horas — Liceu e Escola Técnica.
- 12, às 10 horas — Liceu e Escola Técnica.
- 13, às 10 horas — Liceu e Escola Técnica.
- 14, às 10 horas — Alje.
- 14, às 15 horas — Salir.
- 15 às 9 horas — Querença.
- 15, às 11 horas — Barranco do Velho.
- 15, às 12 horas — Ameixial.

AMEIXIAL COM LUZ ELÉCTRICA

— Serra do Caldeirão com mais côr!

Pela esmerada pena do senhor M. J. J., publicou este jornal em primeira página uma crónica alusiva à inauguração da luz eléctrica no Ameixial, notícia esta que tocou de perto o âmago do signatário e o motiva a redigir estas linhas, comungando simultaneamente o mesmo regozijo dos ameixialenses. E esse grande acontecimento foi a 29 de Novembro de 1979, o qual não será exagero titular-se de histórico, enfim, algo de enaltecimento que se torna digno de permanecer sempre fresco na memória de todos nós.

Com este melhoramento básico, pode dizer-se que, finalmente, a nossa aldeia, marcou o primeiro passo na senda do progresso. Resta agora prosseguir. E urge, dizer aos senhores que governam (ou desgovernam) que, indiscutivelmente, nos assiste o direito de não sermos esquecidos, nem tratados com negligência, em suma, que façam um esforçozinho (mesmo no ar condicionado) por manterem sempre nas suas retinas que: a serra é tanto Algarve como é a orla marítima; e que a nossa província é tanto Portugal, como o é Lisboa.

— Mas as nossas aspirações ainda não cessaram!... Para quando um Posto de Socorros, com profissional efectivo, para assistência à nossa zona serrana? Será querer muito?! Pensamos que não. Tudo isto são coisas que os seres humanos merecem e nós, somos humanos.

Joaquim Afonso Revez
Ontário — Canadá

Com simpatia e charme histórico

Reabriu o Restaurante «BICA VELHA»

Não se pode dizer que Loulé seja uma zona privilegiada, para os amantes da gastronomia.

Por entre tascas e pensões, pastando pela singeleza do aversar-se-avias de alguns restaurantes, a verdade é que tem faltado na simpática e acolhedora vila louletana um local distinto, selecto, aprazível e respeitável, onde o cliente se sinta integrado numa atmosfera de agradávelidade, antes, durante e depois das refeições.

Num restaurante, exige-se atenção e bem servir para quem entra, para que ao sair, leve consigo a vontade de voltar.

Hoje, mais do que nunca, na época da mecanização, em que a vida e a luta do quotidiano quase transformam o homem comum numa máquina, o indivíduo necessita de sentir um tratamento pessoal.

São todos estes requisitos que hoje se podem encontrar no Restaurante Bica Velha, em Loulé, agora reaberto ao público, com uma nova gerência que dá garantias a quem o visita de que será optimamente servido, com esmero e qualidade, contribuindo assim para a elevação do nível do sector na capital do concelho.

Ao som da suave música de fundo, e numa sintonia calma e

acolhedora que as abóbadas e as colunas ancestrais do Restaurante Bica Velha proporcionam, o famoso Mestre Sousa executa mesmo em frente dos clientes, num balcão - cozinha portátil, a sua arte mágica de transformar os alimentos, conferindo-lhes aquele sabor e perfume de charme gastronómico, como só os grandes mestres sabem fazer.

Para os amantes de fado, todos os sábados à noite, excelentes artistas e executantes, embelezam o fim-de-semana dos apreciadores louletanos, que assim dispõem finalmente quase à sua porta, de um divertimento acessível, e de excelente ambiente, sem terem que se deslocar para longe.

Aos nossos leitores, recomendamos o Restaurante Bica Velha. Se quiser levar a família a tratar de negócios, ou pura e simplesmente para saborear boa comida, não deixe para amanhã o que pode fazer hoje mesmo.

A clientela é seleccionada criteriosamente e você certamente, vai sentir-se bem.

M. S.

O HOMEM E A ÁGUIA

O facto assinalável do Senhor Manuel Maria dos Santos, proprietário de uma casa de pasto de Faro, aliás bastante conhecida, situada nas Pontas do Mar se ter prontificado a entregar uma águia jovem de espécie Buteo sp. aos cuidados de quem providenciasse a sua recuperação, parece querer demonstrar ser a Protecção da Natureza não uma coisa vã, mas sim uma realidade muito palpável que importa desde já salientar.

Há cerca de três meses um seu amigo veio entregar-lhe uma águia jovem que capturara alguns na serra algarvia e se destinava a «rembelezar» aquele estabelecimento, muito frequentado por pescadores locais.

Entretanto o Eng.º Técnico Vítor Silva, da Câmara Municipal de Faro alertou a Reserva Natural da Ria Formosa para tal facto e imediatamente, um seu funcionário se deslocou ao local no sentido de observar a ave e contactar o proprietário do estabelecimento, explicando-lhe o interesse em se proteger as rapinas, aliás bastante ameaçadas no nosso país, havendo mesmo algumas espécies em risco de extinção, nomeadamente o «Bubo Real» (Bubo bubo) e a «Águia Real» (Aquila chrysaetos).

Também os caçadores ao abaterem as rapinas sob o pretexto que dão cabo da caça, estão de facto a favorecer o aumento das espécies nocivas à agricultura

sem contudo contribuírem para o melhoramento das populações cinegéticas. Na realidade a caça não constitui a base da alimentação da maioria das rapinas e, quando estas capturam uma espécie cinegética, é em regra geral um animal doente.

Houve uma compreensão total dos factos por parte do proprietário do estabelecimento o que possibilitou ao nosso colaborador Professor Guerreiro Costa e ao seu sobrinho Luís Duarte, aluno da Escola Secundária de Faro o ensejo de conduzir para lugar mais adequado a dita ave que vindo a ser racionalmente alimentada foi posteriormente devolvida ao seu «habitat» natural como se impunha.

Assim terminou esta história de epílogo feliz e que fazemos votos se repita muitas vezes!

Mais informações no: CENTRO PROVISÓRIO DE RECUPERAÇÃO DE AVES DE RAPINA DO ALGARVE «PARQUE NATURAL ALGARVIO» — R. Dr. Justino Cúmeno, 5-1.º-Dto. — 8000 Faro.

Postal de Faro

O Governo presidido pelo Dr. Sá Carneiro acaba de aprovar as melhorias concedidas ao pessoal que auferia pensões de velhice e a pensão social, que o executivo presidido pelo Eng.º Maria de Lurdes Pintassilgo havia decretado, e que alguma celeuma causou. Ainda bem que o actual Governo sancionou semelhante medida, sem dúvida de largo alcance social, já o mesmo não poderemos dizer de outros Decretos-Leis, que vão ser apreciados...

Teremos assim que a pensão social passa de 1250\$00 para 1800\$00 e a pensão de invalidez de 1350\$00 para 1800\$00.

Apreciando a sua acção à luz da realidade, sem quaisquer sectarismos, poderemos afirmar que a melhoria das condições de vida dos estratos mais baixos da nossa população foi uma constante da ex-primeiro Ministro Lurdes Pintassilgo. A Lei das anómalias foi outra medida que importa sobrelevar, pois muitos funcionários públicos que há largos anos permaneciam na mesma categoria, e que agora fo-

ram promovidos a escalões superiores, viram assim de um momento para outro a situação monetária melhorar, sobretudo aqueles que em breve atingem a idade da aposentação. De contrário alguns levariam uma reforma de miséria...

Depois da rádio e da televisão nos terem massacrado durante o debate na Assembleia da República e que voltámos à calma da nossa vida quotidiana, vem-nos à memória esta frase do Presidente da República: «Não interessa quem governa, mas como governa». Esperemos, pois, que o governo da Aliança Democrática possa resolver os graves problemas da nação e que baixem os impostos como prometam...

Não nos surpreendeu a vitória da A. D. Muitos factores concorreram para isso, o que não encontramos é explicação para mulheres a dias votarem em tal coligação, a não ser que fossem aconselhadas pelas senhoras ricas das casas onde trabalham...

A. B. MARUM

Quatro pessoas da mesma família

completaram

208 anos no mesmo dia!

O dia 3 de Janeiro é sempre de festa no lar do sr. José Teixeira Coelho (Pires): o chefe de família, 2 filhos e sogra fazem anos no mesmo dia!

Não é certamente uma coincidência vulgar 4 pessoas da mesma família fazerem anos no mesmo dia e sem que haja gêmeos. Daí a razão porque achámos curioso o acontecimento se registar em Loulé e o considerarmos como notícia de jornal.

De resto, trata-se do nosso prezado amigo e dedicado assis-

nante sr. Pires, gerente de Transportes de Carga Louletana e Vereador da Câmara de Loulé, a quem aproveitamos para felicitar pelo seu 61.º aniversário assim como sua sogra, sr.ª D. Antónia da Conceição, que completou 81 anos e seus filhos Vítor (36 anos) e Carlos (30 anos).

A soma dos 4 aniversários deu, portanto, 208 anos facto que foi assinalado no seio de uma família feliz e unida, com votos de prolongada e saudável existência.

Tabela de assinatura de «A Voz de Loulé»

PORTUGAL:	
Semestre	150\$00
Ano	300\$00
ESTRANGEIRO (via normal):	
Semestre	260\$00
Ano	500\$00
EUROPA:	
(Avião) — Semestre	320\$00
Ano	600\$00
OUTROS CONTINENTES:	
(Avião) — Semestre	370\$00
Ano	700\$00